



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
LEIDIANE NUNES MATEUS GOULART

DISCURSO MATERNO: ARTICULAÇÕES ENTRE O *GOZO* E A *AUTORIA*

Palhoça
2017

LEIDIANE NUNES MATEUS GOULART

DISCURSO MATERNO: ARTICULAÇÕES ENTRE O *GOZO* E A *AUTORIA*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Eugênio Maliska

Palhoça

2017

G72 Goulart, Leidiane Nunes Mateus, 1984-
Discurso materno : articulações entre o gozo e a autoria /
Leidiane Nunes Mateus Goulart. – 2017.
82 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Sul de Santa Catarina,
Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Orientação: Prof. Dr. Maurício Eugênio Maliska

1. Análise do discurso. 2. Mães de crianças autistas - Análise do
discurso. 3. Gozo. I. Maliska, Maurício Eugênio, 1975-. II.
Universidade do Sul de Santa Catarina. IV. Título.

CDD (21. ed.) 401.41

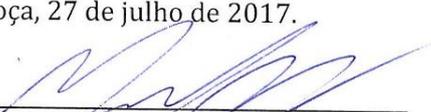
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da Unisul

LEIDIANE NUNES MATEUS GOULART

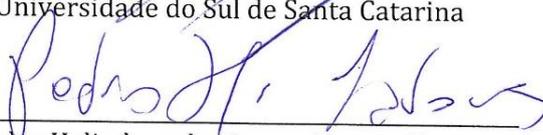
DISCURSO MATERNO: ARTICULAÇÕES ENTRE O GOZO E A AUTORIA

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

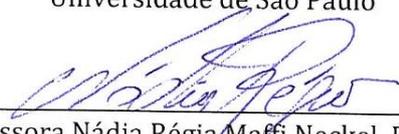
Palhoça, 27 de julho de 2017.



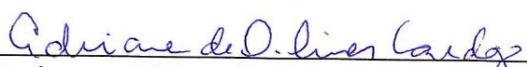
Professor e orientador Maurício Eugênio Maliska, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professor Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares, Doutor.
Universidade de São Paulo



Professora Nádia Régia Maffi Neckel, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Adriana de Oliveira Limas, Doutora
Universidade do Sul de Santa Catarina

Ao meu esposo, Jhonatan.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Maurício Eugênio Maliska, pela dedicação e, principalmente, por me fazer entender que o pesquisador precisa pesquisar. Cada “se mostre mais”, “pesquise”, “eu não faço pelo aluno”, foram muito importantes para minha iniciação enquanto pesquisadora. Sinto-me honrada em trabalhar próxima de um profissional tão didático, com uma fala simples e requintada, se é que isso é possível.

Aos professores da banca, que nesse processo contribuíram muito, qualificando a “nossa” dissertação.

Ao meu esposo, Jhonatan, por compreender minha ausência nesses dois anos de estudos e de muitos aprendizados. Chegamos juntos até aqui!

Aos meus pais, Manoel e Soraia, e aos meus irmãos, Ricardo e Claudia, que sempre estiveram na torcida.

Aos meus pacientes, que muitas vezes foram tão compreensíveis ao atenderem ao meu pedido de troca de horários na agenda dos consultórios.

Aos colegas e aos que tornaram amigos nesse período de estudos na Unisul-Campus Pedra Branca.

A todos os colegas, amigos e familiares que sempre estiveram por perto, incentivando ou não.

Muito Obrigada!

“[...] o gozo não conhece o Outro senão através desse resto, a ” (Lacan).

RESUMO

Este trabalho dissertativo teve como objetivo analisar o discurso materno presente na escrita do livro “Mãe me ensina a conversar: vencendo o autismo com amor”, da autora Dalva Tabachi, relacionando-o com o conceito de gozo. Para isso foram retirados fragmentos de trechos do livro, de modo que, a partir das marcas das falas da mãe, pudéssemos operar os gestos de análise. A análise realizada se deu a partir das teorias de Michel Foucault e de Michel Pêucheux- Análise de Discurso de linha francesa, assim como da teoria psicanalítica, de Freud e Lacan. No decorrer da pesquisa, foi possível identificar marcas que constituem um Discurso Materno diante da possibilidade de diagnóstico de um filho autista. A partir dessas marcas, identificamos uma mãe que escreve um livro ao mesmo tempo em que se autoriza, mesmo que precariamente, para a função materna. Uma mãe que no discurso contido no livro, se coloca como uma “super mãe”, ao mesmo tempo que não dá condições suficientes para que o sujeito possa se constituir.

Palavras-chave: Discurso materno. Gozo. Autoria.

ABSTRACT

This dissertation had as objective to analyse the maternal speech present on the book "Mãe me ensina a conversar: vencendo o autismo com amor", of Dalva Tabachi, relating it to authorship and *Jouissance* concepts. Fragments of the book were used for this purpose, then, based on the mother's speech, be able to operate the gestures of analysis. The analysis were based on the Michel Foucault's discursive theories and the French Speech Analysis, as well as, the psychoanalysis of Freud and Lacan. On the research, it is possible to identify marks that make part of a Maternal Discourse before the possibility of diagnosis of an autistic son. From these marks, a mother was identified who writes a book while authorizing herself, even if in a precariously way, in the maternal function. A mother who, based on the book's discourse, poses as a "super mother", at the same time that does not give enough conditions for the subject to be able to be constituted.

Keywords: Maternal discourse. *Jouissance*. Authorship

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	15
3	AUTISMO E PSICANÁLISE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO.....	20
4	AUTORIA: POSSIBILIDADES DE UMA POSIÇÃO MATERNA.....	263
5	GOZO: POSSIBILIDADES DE UMA FUNÇÃO MATERNA.....	507
6	POSIÇÃO MATERNA: EFEITOS ENTRE O GOZO E A AUTORIA	664
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	808
8	REFERENCIAS	81

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir de nosso interesse em trabalhar questões conceituais em relação ao termo psicanalítico “gozo”. Foi a partir de experiências em estudos e na prática clínica, que o conceito passou a chamar a atenção em relação aos posicionamentos de mães falando sobre seus filhos autistas. O contato com mães de autistas e as falas por elas articuladas, sempre geraram na pesquisadora, curiosidade em torno do modo como estas mães lidam com seus filhos.

Antes de procurar entender efetivamente essa relação entre mãe e filho autista, indícios de que falar do autismo revelava um *gozo*, sempre ficaram muito evidentes na escuta da pesquisadora. Assim, a hipótese da presente pesquisa é de um possível gozo fálico na fala da mãe que escreveu o livro “Mãe me ensina a conversar: vencendo o autismo com amor”, contando o desenvolvimento do filho autista, com objetivo de ajudar outras pessoas que passam pela mesma situação.

Para fundamentar teoricamente nossa análise, trabalhamos com o conceito de autoria em Análise de discurso, doravante AD, articulando os conceitos de função autor e efeito autor na perspectiva discursiva de Michel Pêcheux e função autor na perspectiva de Michel Foucault. Para Foucault, na função autor, o sujeito é produto e produtor de discurso, um discurso sem origem demarcada, um discurso que está em todos os lugares, assim estamos pensando a escrita do livro, como um discurso entrelaçado a outros discursos. Na AD, a proposta foi de trabalhar a noção de autoria, articulada ao conceito de efeito autor, pois, segundo Gallo (2001), esse efeito se dá no confronto de formações discursivas, cuja resultante é uma nova formação dominante.

Na psicanálise, foi tratado o discurso como constituinte do sujeito, sendo fundado na cadeia de significantes. Em Lacan, compreendemos o conceito de função materna¹ como constituinte do sujeito. É nesse sentido que o discurso materno deve estar para a criança, como aquele que tem o poder de fazer advir o sujeito, aquele que em sua inscrição fundante, se desenvolvido de forma constituinte, possibilitará a vinda do bebê enquanto sujeito.

¹ A Função Materna é considerada pela Psicanálise como uma função indispensável para a estruturação do psiquismo do sujeito. Quando se fala de função materna, não se liga essa função diretamente à mãe: por ser uma função simbólica, pode ser desenvolvida por qualquer *Outro*.

Nessa perspectiva, trabalhamos com o conceito de *gozo* na teoria psicanalítica, a partir das contribuições de Lacan sobre o tema. Para tanto, passamos, num primeiro momento, pelo conceito de prazer (*Lust*), já trabalhado por Freud, e o percurso em torno da temática, para chegarmos ao conceito de gozo (*Jouissance*), proposto por Lacan. Cabe salientar que o foco de nossa pesquisa situa-se no conceito lacaniano de *gozo*, que é diferente da concepção freudiana do dualismo prazer/desprazer. Para Lacan, o *gozo* está além do prazer, é justamente um excesso insuportável de prazer, é aquilo que gera uma tensão, dessa forma sendo, pois, contrário ao prazer, que seria um alívio de tensão tratado por Freud.

Nesse cenário, o objetivo geral de nosso trabalho é analisar o discurso materno presente no livro “Mãe me ensina a conversar: vencendo o Autismo com amor”, relacionando-o aos conceitos de gozo na Psicanálise e autoria na Análise de Discurso. São objetivos específicos desta pesquisa:

- Investigar os conceitos de gozo na psicanálise e autoria na Análise do Discurso;
- Analisar o discurso materno no livro “Mãe me ensina a conversar: vencendo o Autismo com amor”;
- Analisar como funciona o discurso materno, correlacionando com os conceitos de gozo na psicanálise e autoria na Análise de Discurso.

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos, a escrita desta dissertação foi dividida em quatro momentos. O primeiro capítulo, intitulado “*Autismo e Psicanálise: uma breve contextualização*” tem o objetivo de apresentar ao leitor a questão do autismo pelo viés teórico da psicanálise, teoria que subsidiará nossa análise.

Já no segundo capítulo, que tem como título “*Autoria: possibilidades de uma posição materna*” serão fundamentados teoricamente os pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa. Em seguida, traremos a teoria de Michel Foucault para discutir a noção de autoria, e, posteriormente, apresentaremos o conceito de autoria por um viés discursivo.

No terceiro capítulo, intitulado “*Gozo: possibilidades de uma função materna*”, será trabalhado o conceito de *Prazer/desprazer*, elaborado por Freud para, posteriormente, introduzirmos a noção de *gozo*, assim como foi proposto por Lacan. Nesse capítulo, analisaremos as sequências discursivas, de modo a identificar, no discurso materno, se há um *gozo* presente na escrita do livro. Para tanto, articularemos questões teóricas do *narcisismo*, sugerindo, ainda, a hipótese de um *gozo necessário* para garantir a constituição de um sujeito.

No quarto capítulo, intitulado “*Posição Materna: efeitos entre o gozo e a autoria*”, articularemos teoricamente questões entre o *gozo* e a *autoria*, esta evidenciada no discurso veiculado pelo livro. E, ainda, buscaremos relacionar a importância da posição sujeito autor para a inscrição de uma função materna, *possibilitando* ao leitor, com isso, uma relação teórica com o tema proposto.

2 METODOLOGIA

O livro “*Mãe me ensina a conversar: vencendo o Autismo com amor*”, foi o objeto de investigação desta pesquisa, por ser escrito por uma mãe, que conta a história de seu filho autista. Nossa hipótese de pesquisa é de que haja aí um gozo fálico, segundo a teoria psicanalítica.

Lacan, no Seminário 20 (1972-1973. p. 16), diz que “O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer ele não se relaciona ao Outro como tal”. O *gozo fálico* estaria relacionado com o falo, que é o mesmo que controla o gozo desprendido, a descarga do gozo. Sendo assim, o gozo fálico pode ser relacionado à energia dissipada nessa descarga, que é parcial, pois o que regula esse gozo é o que Freud nomeou de recalque. O recalque seria justamente o que não deixa atravessar a barreira do inconsciente, gerando algo da ordem do desprazer. A barreira do recalque está praticamente a serviço das pulsões, colocando limites a elas. Os seres falantes se definem pelos significantes, os quais buscam encontrar uma nova relação com o objeto, que busca, por sua vez, encontrar uma nova relação com o significante, ou mesmo a produção de um novo significante como suplência. Eis que surge aí, um gozo fálico, aquele que vai além do objeto sexual de desejo.

A proposta da pesquisa é trazer o conceito de *gozo*, junto à teoria psicanalítica, desde o conceito de *prazer* para Freud até as últimas formulações realizadas por Lacan. Além do conceito de *gozo*, trabalharemos com o conceito de autoria, articulando-o, respectivamente, aos conceitos de função autor e efeito autor, nas perspectivas discursivas de Michel Foucault e na Análise de Discurso de linha francesa, conforme proposta por Pêcheux (1969) na França, e desenvolvida no Brasil, principalmente a partir das contribuições de Eni Orlandi (1980). Os dispositivos analíticos desta pesquisa serão os conceitos de gozo e discurso materno, na teoria psicanalítica, e os conceitos de autor e, função- autor para Foucault, e efeito-autor, para a teoria da AD, a partir de Gallo (2001).

O livro escrito por Dalva Tabachi, objeto de análise da presente pesquisa foi publicado no ano de 2006, na cidade do Rio de Janeiro, pela editora ROCCO. O mesmo é dividido em 25 sessões, contendo também um espaço para os agradecimentos e para a introdução.

Na primeira sessão, conta o porquê do livro, relatando como foi se deparar com o diagnóstico do filho, o decorrer de sua caminhada e o fato de ter chegado tão longe com Ricardo (nome do filho autista).

Na segunda sessão, intitulada “Um vaso de porcelana finíssima”, a mãe relata como foi o processo da gravidez, e sua ausência nos primeiros cuidados com o filho.

Na terceira sessão, que tem como título “Aprendendo a duras penas”, a mãe, escritora do livro, fala do quanto ela julga importante a presença da figura materna, nos primeiros momentos após o nascimento do filho, e orienta as futuras mães, para não deixarem seus filhos sob cuidados de profissionais, reforçando que o afeto de mãe seria insubstituível.

Na próxima sessão, cujo título é “Se ele não me chamasse pelo nome, diria que é autista”, a autora cita os principais sintomas apresentados por Ricardo, o que faz uma professora chamar a atenção para um possível diagnóstico de autismo.

Na sessão seguinte, “Um mundo protegido contra ruídos”, a mãe fala da investigação dos sintomas apresentados pelo filho, desde uma avaliação realizada por uma psicanalista até a comprovação diagnóstica por um médico.

A próxima sessão se intitula “Música: ligando o gravador”, trata do esforço da mãe para fazer seu filho estabelecer uma comunicação com o mundo externo a ele, e nessa sessão ela conta o trabalho desempenhado por uma fonoaudióloga.

A sessão intitulada “De amor e carência entre irmãos”, descreve o quanto a mãe precisou da compreensão dos outros filhos, devido a sua ausência, de modo que pudesse garantir os melhores cuidados para o filho autista.

Na sessão “Ricardo dá seu primeiro beijo”, a mãe fala do quanto os irmãos insistiam em estabelecer vínculo com Ricardo e este não respondia aos estímulos dos irmãos. A experiência, que ela chamou de beijo, trata-se do encostar dos lábios do filho em seu rosto, após um pedido de beijo.

A sessão “Quando se planta e se rega, a resposta aparece”, ressalta a importância de um tratamento precoce, pois, conforme a mãe, se não fosse estimulado desde tão pequeno, o filho não seria o que se transformou. Nessa parte do livro, a mãe reforça que o aprendizado acontece de uma forma lenta, pois, segundo ela, Ricardo vivia em seu mundo.

Em “Discriminação na piscina, exclusão na sala de aula”, a escritora conta as formas de discriminação sofridas por seu filho, desde o maternal, e nesse momento do texto ela passa a se perguntar sobre ter um filho Autista.

Na sessão “Lendo e escrevendo: uma vitória inesperada”, a escritora relata que quando uma amiga se aposentou, passou a investir no ensino da leitura e escrita para o filho e que este se desenvolveu muito bem, conseguindo ler legendas de filmes estrangeiros.

Com a sessão “A vida segue seu rumo”, ela relata que, por volta dos sete anos de idade, Ricardo começa a estabelecer contato, emitindo suas primeiras verbalizações e, mais tarde, acontecem, as primeiras saídas noturnas com os irmãos.

Na sessão “Ricardo está falando, vamos escutá-lo”, a mãe descreve o quanto o relato de Ricardo era ilógico e que por isso as pessoas acabavam o ignorando, até que em um determinado dia, um dos irmãos protesta dizendo: Gente, o Ricardo está falando, vamos escutá-lo!

Na sessão “Bar Mitzvah, uma vitória de Ricardo, uma emoção para os pais”, a mãe relata o momento de passagem dentro da religião judaica aos treze anos de idade. O filho foi apresentado na sinagoga, e recitou a reza corretamente, pois havia treinado durante um ano. E com esse gesto do filho, os pais passaram a confiar mais no futuro.

A sessão “Dançando na festa de 15 anos” apresenta o dia em que o filho ganha uma festa, para comemorar com seus amigos da escola. Foi um momento de interação entre amigos e os pais puderam perceber o filho incluído entre os amigos, que também tinham suas particularidades.

Na sessão: “Caminhando sozinho: momentos de independência”, a mãe relata as primeiras experiências de Ricardo caminhando no bairro, atividade desenvolvida com o auxílio da fonoaudióloga.

Na próxima sessão, a mãe conta o amadurecimento do filho, e que aos 22 anos ela o levou para trabalhar na empresa da família. Em meio aos rituais desenvolvidos no trabalho, chega um momento em que o filho atende um telefonema e responde: “A Dalva saiu, ligue mais tarde”, o qual intitula essa sessão.

Na sessão “Nadando no Flamengo”, a mãe conta a preocupação com a postura física do filho, e por isso ela o colocou na natação, porém para garantir o bom desempenho do filho, a mãe acabou se matriculando nas aulas também.

Com a sessão “O que fazemos para melhorar?”, ela relata o avanço do filho no convívio social e o quanto o trabalho e a natação, junto a outras atividades, puderam contribuir para tal desenvolvimento.

Na sessão “Mãe me ensina conversar”, a escritora relata o sofrimento da mãe em não conseguir atender ao pedido do filho, quando ele pede que o ensine a conversar, pois suas frases são desconexas, mesmo com o desenvolvimento na escrita e na fala. Porém, ela revela a satisfação de ver o filho incluído no mundo.

Na sessão seguinte, a mãe fala de todos os estímulos e avanços do filho, porém entender os limites, ainda é algo difícil para ela. A mãe descreve, o fato de o filho ter comido

um bolo sozinho, o qual seria presente para a fonoaudióloga. A sessão é intitulada: “Desculpas por comer o bolo inteiro”.

Com a sessão “Agora preciso soltá-lo mais”, a mãe diz que o filho já consegue distinguir seus desejos e ela assume sua insegurança, mas entende a necessidade do filho em caminhar de forma mais autônoma.

Na sessão seguinte, intitulada “Ciclo de vida”, ela relata o despertar do filho para a sexualidade, e o quanto é difícil para um autista lidar com isso. Nessa sessão, ela também fala do trabalho investido no filho para que ele entendesse o processo de - Nascer, Viver e Morrer.

Na penúltima sessão do livro, Dalva traz “O exemplo de Maria de Lourdes, minha mãe”, reconhecendo o quanto sua mãe a ensinou a não desanimar e a superar obstáculos.

E finalizando as sessões, com “Uma reflexão final”, a mãe fala sobre a exposição da vida, que com o exemplo dela, vai ajudar muita gente. Além disso, afirma que apesar da incompreensão, a fuga nunca é o melhor caminho.

Apresentadas as seções que compõem o livro, o recorte do *corpus* de nossa pesquisa se dá em torno de fragmentos do texto a partir de elementos que poderão tornar a análise possível diante dos objetivos de pesquisa. Conforme Orlandi (1984),

O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva. [...] o princípio segundo o qual se efetua o recorte varia segundo os tipos de discurso, segundo a configuração das condições de produção, e mesmo o objetivo e o alcance da análise. Feitas essas reflexões podemos dizer que o texto é o todo em que se organizam os recortes. Esse todo tem compromisso com as tais condições de produção, com a situação discursiva. (ORLANDI, 1984, p.14).

Considerando, então, que o texto é o todo em que se organizam os recortes, vamos até ele extrair alguns recortes das falas da mãe que escreve o livro, de modo que possamos identificar nesses trechos, o funcionamento do discurso materno naquilo que bordeia a sua relação com a *autoria* e o *gozo*.

Com a possibilidade de análise do discurso promovida pela AD, imprimimos ao texto alguns gestos de interpretação. Vale dizer, no entanto, que há outras interpretações possíveis, visto que o sentido pode sempre ser outro.

O problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível. (PÊCHEUX, 2006, p.54).

O analista/pesquisador precisa caminhar na direção de seus gestos de interpretação e que acabará assumindo as consequências de tal gesto. O analista assume uma posição perante o gesto de análise, e isso está implicado com o inconsciente, criando certa sintonia entre objeto e desejo de análise.

Na AD, cada sujeito produz sua própria análise, pois são sentidos particulares que se colocam num gesto de interpretação. Numa análise, entram em cena as condições de produção, as escolhas, as filiações discursivas, os esquecimentos, os quais são determinantes nesse processo.

No presente trabalho, buscamos analisar a estrutura do texto, e a partir disso, compreender as construções presentes nele. Mesmo utilizando a teoria psicanalítica para fundamentar teoricamente a análise discursiva, o objetivo da análise do nosso objeto de pesquisa, não é realizar uma escuta clínica do sintoma.

Uma analista de discurso não coloca seu objeto no divã, como já dissemos inúmeras vezes, nem domestica a psicanálise reduzindo seu campo conceitual a um aplicacionismo. Segue sim na aposta feita por Pêcheux de que ideologia e inconsciente operam se ocultando e se deixa afetar pela psicanálise, sobretudo nos desdobramentos que Lacan imprime a partir de Freud. (MARIANI, 2012, p. 8-9).

A partir disso, o gesto de interpretação proposto no presente trabalho se dá em torno do funcionamento discursivo, presente no livro, na medida em que identificamos as marcas nas falas de uma mãe que escreve sobre a experiência de ter um filho autista. Deixaremos de fora as personalidades que estão por detrás desses personagens, pois o intuito não foi analisar o discurso de Dalva Tabachi ou de seu filho Ricardo, mas sim investigarmos as marcas desses discursos presentes na escrita do livro. Tratam-se, pois das posições assumidas por esses personagens no fio do discurso, que moveram o nosso gesto de interpretação.

3 AUTISMO E PSICANÁLISE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Diante do objeto de análise da presente pesquisa, um livro escrito por uma mãe de um autista, que tem o objetivo de mostrar para os seus leitores, o quanto o autista e a família podem ter rotinas e vivências essenciais para o convívio em sociedade, verificamos que a iniciativa para a elaboração da obra surgiu para colaborar com outras mães/famílias de autistas, na tentativa de mostrar que é possível introduzir o autista na sociedade. Nesse contexto, julgamos necessária uma breve contextualização sobre o tema do autismo, relacionando-o à psicanálise, uma das teorias utilizadas para análise do objeto proposto.

O tema autismo ultimamente tem gerado calorosas discussões, justamente pela falta de informações concretas, sobre o diagnóstico. Porém essas discussões geram grandes contribuições para o levantamento de hipóteses em relação ao seu surgimento e tratamento². Por ser um termo instável, ele acaba produzindo muitos efeitos paradoxais, contudo pensar o autismo pelo viés psicanalítico seria contrariar muitas abordagens de estudos de tal tema. Para a psicanálise, o que importa é o sujeito, e é nesse sentido que a teoria não compreende o autista dentro do estereótipo de indivíduo portador de algum déficit. O diagnóstico define um déficit e não o sujeito psicanalítico. Assim para Psicanálise:

Nós tomamos os autistas como sujeitos. Afirmar isso, entretanto não basta. É preciso avançar no sentido de, fazendo uso do dispositivo teórico da psicanálise, construir a lógica do autismo, articular a questão da qual o autismo seria a resposta. Essa construção teórica nos orienta e é uma condição preliminar a todo tratamento possível do autismo. (DRUMMOND, 2012. p.9).

Em 1911, Bleuer caracterizou o autismo como um dos sintomas de esquizofrenia, porém, a partir de 1943, Kanner elevou o autismo a uma categoria particular, considerando-o uma síndrome. A partir de Kanner, muitas pesquisas se desenvolveram até que o autismo passasse a participar das classificações psiquiátricas americanas dos transtornos mentais, conhecidas por meio do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, com a sigla em inglês *DSM*, (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*). Nesses manuais de classificações, o autismo assumiu a categoria de subgrupo da esquizofrenia, e posteriormente

² Não estamos entendendo tratamento como cura, mas sim como uma forma de amenizar sintomas, em relação à vida do autista.

foi classificado entre os Transtornos Globais do Desenvolvimento e, no último DSM, passou a ser classificado como Transtorno do Espectro Autista.

Foi a partir de 1943, com os estudos de Kanner em torno do autismo passaram a ganhar uma intensidade maior, seja na área da Psiquiatria ou até mesmo na Psicanálise. Na psicanálise sabemos que a sintomatologia do autismo passa por distúrbios relacionados a linguagem, a identidade própria e em relação ao gozo, o que nos leva a pensar o autismo como pertencente à clínica da forclusão do Nome-do-Pai. Nesse sentido além de nos possibilitar pensar o autismo dentro das psicoses, podemos nos interrogar em relação a outra via de estrutura para o autismo. Na psicose o principal sintoma fica em torno de uma fala, “uma voz exterior” que por momentos dominaria o sujeito, já no autismo essa “voz” fica de fora, pois em muitas vezes, nem a voz do sujeito é capaz de ser colocada para fora, como nos casos de mutismo. Talvez tivéssemos que pensar o autismo como uma “Quarta” estrutura subjetiva, diante das já pensadas anteriormente como Neurose, Psicose e Perversão.

Lacan (1964), em suas pesquisas, nos traz poucas informações específicas sobre o autismo, porém sempre defendeu que a questão do autista está a partir da forma como o sujeito se defende daquilo que é invadido. O autor sugere que até mesmo os autistas que apresentam mutismo estão na linguagem, pelo fato de que os autistas se defendem das palavras, como por exemplo: tampam os ouvidos, para não ouvir o que o outro está falando. Assim, não podemos exilar os autistas da linguagem, pois sabemos que eles compreendem, mesmo que de uma forma muito particular.

Fora da cidade do discurso, fora da ordem e dos costumes, o autista desfaz as regras do jogo do discurso. Recusa-se ao endereçamento, à intencionalidade, à produção de sentido, à comunicação e à civilização do gozo pelo significante. Mas os achados da clínica tanto quanto os recentes depoimentos autobiográficos dos autistas confirmam que eles não são exilados da linguagem, embora sejam avessos ao discurso. (BARROSO, 2012. p. 135).

Justamente por isso, podemos perceber o quanto é comum encontrarmos autistas falando uma língua própria, produzindo ecolalias e até monólogos não endereçados aos pares de convívio. São discursos utilizados em próprio benefício, sendo que, muitas vezes não possibilita aos ouvintes, uma coerência discursiva.

Quando o autista fala, usa palavras desabitadas de subjetividade, que não alcançam a intencionalidade de demanda e de seu endereçamento. Suas mensagens não implicam subjetivamente e suas emoções não são transmitidas pelas mensagens. O que está em jogo é uma linguagem automática, sem direcionalidade, sem alteridade imaginária de quem não se deixa captar no circuito da demanda. Este, por sua vez, implica dois

pontos, o do emissor e do receptor, além de um trajeto orientado, que concerne à pulsão. (BARROSO, 2012. p.137).

Levin (1999) nos diz que o corpo de uma criança metaforiza-se na linguagem, quando a mãe olha, fala, ou acaricia o seu filho, ela dá um sentido a esta experiência corporal. Desse modo, por meio da linguagem, ela decodifica e compreende essa experiência corporal, como por exemplo, quando transforma o choro num dizer, articulando a linguagem, nesse sentido, a uma cadeia discursiva. Em se tratando de autistas, essa metaforização/simbolização da linguagem, não teve possibilidade de se inscrever.

Quando pensamos o autismo dentro da abordagem psicanalítica, podemos relacionar o transtorno com falhas³ envolvendo as funções maternas e paternas. Pode-se sugerir a falha materna relacionada ao não cumprimento de uma determinada função, devendo esta ter sido desempenhada pela mãe⁴ biológica ou por alguém que deveria fazê-la, não proporcionando para criança uma resposta necessária relacionada ao mundo exterior. Da mesma forma, podemos pensar a função paterna, na qual o pai⁵ biológico ou alguém que desenvolva essa função, não consegue marcar a presença de um terceiro, tão importante para a constituição psíquica do sujeito.

A psicanálise nos possibilita pensar que a mãe teve dificuldades em estabelecer uma significação ao pedido da criança. Essa criança, quando convocada ao olhar do Outro (Mãe), desvia seu olhar. Nesse momento, a mãe não sabe por que isso acontece, e fica sem saber o que fazer. Acaba não compreendendo esse “não olhar” da criança, e recebe tal gesto, como um não reconhecimento do próprio filho, e de forma inconsciente vai se retirando dessa relação.

Quanto ao pai, ele é quem faz a mediação entre o desejo da mãe e do filho, exercendo o papel de um terceiro, que interdita a relação incestuosa. O pai precisa ser um representante da lei simbólica e também precisa ser simbolizado como objeto da falta e desejado por essa mãe, sendo assim, a mãe passa a desejar outros objetos, que não esse filho. Não percebendo o mau desempenho da função, o pai permanece na relação apenas como um pai objeto, destituído de sua função. O pai simbólico precisa entrar em cena, enquanto aquele que opera a lei, pois a partir dessa lei simbólica representada no pai, a criança pode perceber os

³ O termo “falha” não deve ser interpretado como algo que deu errado ou que se deixa de fazer de forma consciente, mas sim, como algo que faltou, algo da constituição do sujeito que não se inscreveu.

⁴ Estamos tratando dessa forma, justamente para salientar que quando tratamos de falar da mãe, estamos falando de uma função materna.

⁵ Da mesma forma, quando falamos de pai, estamos nos remetendo a uma função paterna.

Outros, aos quais precisa estabelecer relações. No entanto, vale dizer que, se o pai não consegue instaurar esse simbólico, a criança acaba ficando sem saber que esse terceiro elemento precisa entrar nessa relação familiar.

Nessa direção, a mãe acaba estabelecendo essa relação simbiótica, sem começo e fim na extensão do corpo de seu filho. O pai precisa fazer-se presente para que mãe e filho possam entender que Outros podem ser desejados, abrindo assim uma cadeia de significante sem relação ao desejo. De acordo com Kupfer:

Quando esses atos de reconhecimento recíproco começam a falhar e se perde a sua constante realimentação, vemos surgir, logo por volta de seis meses de idade, os primeiros traços autistas. O bebê não olha para ninguém, evita especialmente o rosto materno. Podem surgir as primeiras hipotonias: o bebê sentado não fixa a boca, não erotizada, não recortada pelo trabalho materno de fazer nascer -nisso que é uma pura carne, pura necessidade – a pulsão oral, estará semi-aberta, hipotônica, sem tônus: a criança exibirá uma baba constante, a deslizar entre seus lábios moles. (KUPFER, 2000, p.51).

Uma mãe, a partir do momento que é atravessada pela experiência de lidar com um filho autista, pode se anular em sua função. O filho não passa a mensagem que ele espera, não olha, não se comunica, não dá possibilidade de simbolização. O autista não demanda e não é demandado pelo desejo necessário para a constituição do sujeito. A falha, no desenvolvimento das funções, acaba negando o advir da constituição do sujeito do inconsciente.

A criança autista parece viver num mundo que é só dela, sem estabelecer vínculos com os outros, e isso é consequência de uma falha no vínculo com o Outro, ou seja, primordialmente com a mãe. O espelhamento na mãe falhou e, dessa maneira, as outras relações ficam difíceis de serem estabelecidas.

O estágio do espelho pode ser entendido *como uma identificação* pela transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Pela incapacidade de locomoção, na dependência ao outro, se estabelece a matriz simbólica em que o Eu se precipita em uma forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro, antes que a linguagem o coloque na posição de sujeito. (LACAN, 1998, p. 38).

No estágio do espelho, que é permitido à criança uma visão unificada do próprio corpo, o *infans* deve ficar alienado à sua imagem, permitindo assim uma entrada no imaginário. Na teoria psicanalítica, o autismo advém de uma ruptura entre laços parentais da criança e daquele que chamamos de Outro primordial. Sendo assim, com a ausência nas funções, não há a instauração de uma estrutura psíquica do bebê.

No autismo, o sujeito não passa pela alienação que constituiria o imaginário e muito menos pela castração que o daria acesso ao registro simbólico, portanto estaria totalmente no registro do real. A falta do entrelaçamento entre os três registros resulta num sujeito sem limites entre o imaginário e o simbólico, entre o corpo real e o mundo externo. Sendo assim, existe uma desconexão entre a linguagem e a realidade material.

Nessa estrutura, apesar de o sujeito ocupar um lugar no campo do Outro da linguagem, ele não consegue definir sua posição no campo simbólico a partir do Outro da fala (Outro barrado), como fazem os neuróticos. No caso do autismo, além da ausência do significante primordial, não há imaginação do corpo, o que significa que esse sujeito vive na dimensão de seu corpo real, não “tem” um corpo, na medida em que tê-lo requer esse passo inicial de alienação à imagem do outro especular. (PADILHA & LHULLIER, 2012, p. 117).

Com o nascimento, os seres humanos entram no mundo com diversos elementos, sejam eles de uma história familiar ou até mesmo de heranças genéticas. Mesmo assim, a constituição do sujeito não está garantida, por isso a psicanálise trabalha com a questão de que na infância a constituição do sujeito começa a se formar. Pensando dessa forma, em relação ao autismo e até outras patologias, o tratamento psicanalítico e seus efeitos podem apresentar mudanças significativamente positivas, estruturando o sujeito em sua constituição psíquica e, de certa forma, produzindo os significantes que podem representar o sujeito para outros significantes. Segundo Jardim (2001, p.57), “a função materna cabe, primordialmente, transmitir um desejo de existência, de pertença a uma história, transmitir ao bebê um desejo que não seja anônimo”.

O autismo, comparado à histeria nos tempos de Freud, vem servindo como paradigma, exigindo, de certa forma, um possível diálogo entre diversas áreas do saber. Por ser uma especificidade, com muitas possibilidades causais, diversas áreas do saber precisam ser articuladas para garantir um melhor desempenho desses sujeitos autistas.

Diante do déficit no campo simbólico, a linguagem no autista está comprometida,

Por não haver representação invocante, predomina a desconexão entre a linguagem e a vida emocional. Quando o simbólico não se liga ao imaginário, ao corpo, quando o gozo não pode ser tratado pela lógica da diferença significante, não há extração de gozo do corpo. Sem a extração do objeto, o simbólico e o imaginário se encontram colocados em continuidade com o real. O fora do sentido e o sem lei real é que predominam. (BARROSO, 2012, p.137).

No discurso psicanalítico, o analista toma o autista como sujeito, ou seja, entende que mesmo que o autista não fale, ele está implicado no campo da linguagem. Para tanto, o

analista precisa encontrar uma direção de tratamento que permita ao autista realizar as operações necessárias para se constituir enquanto sujeito.

Jerusalinsky (1984) nos diz que o autismo se consolida a partir de um descompasso da relação entre a mãe e o bebê, de fatores que interferem no desejo da mãe, uma vez que esta não consegue, com seu olhar, libidinizar o corpo do filho. Assim, se a mãe não deseja, nada pode demandar, não proporcionando à criança algo de si. Nesse caso presença simbólica não é estabelecida, restando apenas uma presença física.

Diante desse modo de pensar a questão do autismo é que propomos trazer fragmentos do livro escrito pela mãe de um autista, para que possamos identificar e analisar questões pertinentes, não em relação à constituição do sujeito autista, mas à configuração do discurso materno a partir da posição sujeito-autor assumida.

4 AUTORIA: POSSIBILIDADES DE UMA POSIÇÃO MATERNA

Nesse capítulo, vamos nos ocupar em tratar a questão da autoria segundo a teoria da Análise de Discurso, e, a partir desse conceito, nossa hipótese de pesquisa é: a possibilidade de a mãe, que escreveu um livro, se inscreve no funcionamento do discurso materno, a partir de uma posição sujeito autora.

O discurso sempre foi, para Pêcheux, um objeto de estudo e o autor nos afirma que, é no discurso que se concentra um verdadeiro nó, visto que nele estão imbricadas as questões em relação à língua, à história e ao sujeito.

A AD tem sua origem a partir das pesquisas de Michel Pêcheux, no ano de 1960, na França, e foi inspirada em três grandes correntes: o estruturalismo, a psicanálise e o marxismo. O tripé da AD está na linguística, no materialismo histórico e na psicanálise, por ser uma teoria na qual o discurso se faz na relação entre a língua, o contexto histórico e o sujeito.

Com a linguística a AD se sustenta sobre as relações enunciativas, em que os interlocutores assumem um aqui e agora, a partir de formações ideológicas existentes, demarcando um espaço de identificação. A língua, para AD, admite a falta, o furo, a falha, o que vai na contramão, da noção de estrutura fechada e homogênea de Saussure⁶.

Com os fundamentos do materialismo histórico, a AD traz a essência de que o sujeito participa da sociedade e nela assume diferentes papéis, e a partir deles, vai se autorizando a participar em sociedade atravessado por diferentes discursos. Permitindo que a história intervenha na língua, proporcionando assim, possibilidade de diferentes sentidos.

Já com a psicanálise, a AD utiliza-se do conceito de sujeito fragmentado, no qual este alimenta uma fantasia de ser único, porém, a partir de seus discursos, percebemos que esse sujeito é constituído coletivamente por discursos já ditos, o que nos permite pensar, que ele é um “efeito” de seu sistema de linguagem.

Assim, a psicanálise lacaniana constitui como sabem os analistas de discursos, um dos tripés de constituição do campo teórico da Análise do Discurso, um eixo de fundação que ampara o desenho que Pêcheux traça sobre o discurso como efeito de sentidos, o sujeito, a interpelação ideológica, os esquecimentos e o real; ela permitiu fazer furo naquilo que os lingüistas tão bem costuraram (e costuram) conceitualmente com a língua; [...] Isso implica o analista do discurso na consideração de que o sujeito diz

⁶Para Saussure, a língua era um sistema de **signos** - um conjunto de unidades organizadas, formando um todo - compostos por **significante** - que se trata da imagem acústica projetada em nossa mente, sendo, portanto, algo psíquico, e não físico - e **significado** - aquilo que a palavra quer dizer. Excluindo assim, o contexto político social, na constituição do discurso.

sempre a partir de uma posição afetada pela ideologia e pelo inconsciente, destituído de qualquer outra transparência que não a evidência ideológica do sentido único, cindido e clivado por palavras que o atravessam antes de qualquer cogitação. (MARIANI, 2012, p. 7).

Ao tratarmos do discurso em Psicanálise, o colocamos no lugar daquele que é fundante para a constituição do sujeito. Na psicanálise, para o sujeito falante, não há possibilidade de uma discursividade anterior à realidade subjetiva. É pelo discurso que o indivíduo se torna sujeito e se inscreve no campo da fala, a partir dos significantes inscritos pelo Outro. Portanto, o uso da teoria da psicanálise como dispositivo para a presente análise, pode contribuir no sentido de corroborar o tripé teórico constituído na Análise de Discurso.

A Análise de Discurso surgiu a partir do interesse em estudar linguagem de uma forma muito particular. Foi pensando nas diversas maneiras de significar a linguagem, que a Análise de Discurso passou a ganhar seu espaço. Diferente de língua ou gramática, a AD fixa suas raízes no próprio discurso, que em sua essência pode significar como: a palavra em movimento. Nesse viés “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando”, (ORLANDI 2015, p. 13). É o homem afetado pela linguagem que interessa para a AD, são os sentidos produzidos por essas falas interpeladas pelo contexto sócio histórico e ideológico que a AD vai operar.

Assim, a primeira coisa a se observar é que a Análise de Discurso não trabalha com língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2015, p. 13).

Michel Pêcheux concebe o discurso a partir do conceito de língua inaugurado por Saussure, retirando, nesse caso, a fala de um lugar em que se representa como um sistema estruturado para um lugar passível de interpretação, de formação de discursos, de circulação de sentidos.

Pêcheux, então, vai além do que se propôs Saussure em suas pesquisas, e toma o discurso como objeto de estudo, passando a lidar, assim, com diferentes possibilidades de sentido. “Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”. (ORLANDI 2015, p.20).

Podemos pensar a AD como uma prática em linguística, em que se analisa o discurso levando a estrutura do texto em consideração, pensando-o a partir da ideologia que atravessa o texto. O discurso seria uma construção linguística a partir do contexto social em que o sujeito está envolvido.

Para a AD, o texto, não se trata de um documento, mas de um discurso. Assim, podemos pensar que texto é tudo aquilo que pode produzir sentido(s). Orlandi (1983) diz que o texto é um objeto histórico. Histórico aí, não tem o sentido de ser o texto um documento, mas discurso. Assim, é possível dizer: que o texto é um objeto linguístico-histórico. É a partir dessa definição que a autora traça considerações sobre o que é o texto para a análise de discurso francesa.

Um texto, em diferentes contextos, textos, intertextos são mobilizados, está fortemente atravessado por diferentes subjetividades que nele fazem ressoar diferentes sentidos inscritos em diferentes formações discursivas. Por conseguinte, ele só pode ser pensado como um espaço discursivo heterogêneo e simbolicamente fechado pelo trabalho discursivo do sujeito-autor: ao costurar e organizar os recortes heterogêneos, dispersos e provenientes de diferentes cadeias discursivas [...]. (INDURSKY, 2015, p. 80).

Pensar o funcionamento do texto é pensá-lo em relação as suas condições de produção, a sua exterioridade. O texto é tido como um monumento, e na própria textualidade, traz sua historicidade.

A Análise de Discurso deixa para trás a análise textual da linguística e se introduz num momento contextual, em que o contexto social do sujeito do discurso é relevante, pois este vai sempre assumir determinada posição.

Courtine (1975) afirma que as especificidades da posição-sujeito se dão no funcionamento polêmico do discurso em que o sujeito universal (ou sujeito do saber) é interpelado e se constitui em sujeito ideológico e, ao se identificar com o sujeito enunciador, assume uma posição.

Para a AD, não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Sendo assim, desde sempre o sujeito é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente. O trabalho da ideologia é “[...] produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2013, p. 46).

Na AD, o sujeito se filia a distintas formações discursivas, assumindo nelas posições-sujeito diferentes. Pêcheux (1997) considera que embora o sujeito acredite, ilusoriamente, ser a fonte de seu discurso, ele nada mais é do que o suporte e o efeito deste.

No Brasil, os grandes pesquisadores da área do discurso fazem com que a AD esteja no centro, em relação às ciências da linguagem. Podemos perceber, aqui, que cada vez mais pesquisadores passam a se interessar por essa área, em busca de contribuições para os estudos discursivos.

A Análise de Discurso toma o discurso como objeto de estudo, a partir da prática social de produção de textos, evidenciando, que o discurso se dá a partir de uma construção social, assim não compreende o texto como uma produção individual. Por detrás de uma produção social, um sujeito inserido num meio social, passa a inaugurar ideias, identificando-se ou não com os sentidos produzidos socialmente.

Na AD, não trabalhamos como conceito de autor empírico e sim com uma posição sujeito no discurso, na qual este passa a exercer uma função-autor. Orlandi (2015) explica que a função-autor, é uma função discursiva, e se estabelece ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador.

A partir do conceito discursivo de função-autor, podemos pensar a posição assumida pela escritora do livro “*Mãe me ensina a conversar: vencendo o autismo com amor*”, objeto de análise da presente pesquisa, se inscreve numa posição sujeito autora, entre outras posições que assume. Aliás, em seu livro, ela expõe as outras posições-sujeito que assume, e que para ela são essenciais: mulher, mãe, empresária, esportista e escritora de livros, esta última além da história de vida do filho, conta também muito de sua história.

Foucault (1969, p. 268) em seu texto *O que é um autor?* vai nos propor que a autoria não se trata apenas de assumir uma função, como sugere a AD, ele nos diz que: “Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer”. O sujeito que escreve não está presente na escrita com um nome próprio. O que Foucault nos fala é, que, independente de um nome específico, a escrita toma uma filiação que pode ser reconhecida, e aí marcaria uma autoria. Para Foucault, (1969, p. 278),

Os textos, os livros, os discursos começaram a ter realmente autores (diferentes dos personagens míticos, diferentes das grandes figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor podia ser punido, ou seja, na medida em que os discursos podiam ser transgressores.

O termo *função* situa o autor na história. Para Foucault (1997), “a função- autor é assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”; é a forma como circulam e funcionam certos discursos em sociedade.

Mas a função-autor não é, na verdade, uma pura e simples reconstrução que se faz de segunda mão a partir de um texto dado como um material inerte. Os textos sempre

contêm em si mesmo um certo número de signos que remetem ao autor. Esses signos são bastante conhecidos dos gramáticos: são os pronomes pessoais, os advérbios de tempo e de lugar, a conjugação dos verbos. Mas é preciso enfatizar que esses elementos não atuam da mesma maneira nos discursos providos da função autor e naqueles que dela são desprovidos. (FOUCAULT, 1969, p.19).

Foucault (1969) afirma também que a função-autor é apenas uma posição sujeito assumida pelo indivíduo. Para o autor, o sujeito é descentralizado, disperso e historicamente construído, constituído pelo saber e pelo poder. Para ele, o sujeito se encontra disperso nos “diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que [...] pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (FOUCAULT, 1997, p. 61). Sendo assim, podemos pensar a constituição do sujeito a partir das posições sociais que ele ocupa.

A função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela nasce se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar. (FOUCAULT, 1969, p.20).

O autor, como uma função, nos remete à questão de que autor e leitor são capturados pelo texto, e o autor é transformado numa função do discurso, que proporcionada a partir dos sentidos atribuídos pelo o leitor. É a função-autor que vai permitir que novos tipos de discursos surjam. É pela escrita que a função-autor assume uma posição sujeito.

Foucault (1969) ainda nos diz, que nem tudo que tem uma assinatura nos remete uma autoria, pois existem discursos, conversas, contratos, que precisam de uma assinatura, mas que segundo ele não têm autores.

Ora, é fácil ver que, na ordem do discurso, pode-se ser o autor de bem mais que um livro - de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina dentro das quais outros livros e outros autores poderão, por sua vez, se colocar. Eu diria, finalmente, que esses autores se encontram em uma posição "transdiscursiva". (FOUCAULT, 1969, p. 21).

Para Foucault, autores são aqueles que inauguram uma discursividade, aqueles que permitem que outros indivíduos, numa posição de autoria, possam se apropriar dessas discursividades antes estabelecidas, e a partir disso projetem na sociedade uma possibilidade infinita de novos discursos. O nome próprio não é o que vai designar um autor. O que vai marcar a constituição de um autor está relacionado a uma avaliação qualitativa, de suas obras,

produções, as quais são identificadas por marcas ideológicas de uma escrita. Assim, mesmo que o autor esteja coberto por um nome próprio, será reconhecido por meio das marcas de sua escrita.

Já, para a AD, a função-autor é o trabalho discursivo do sujeito-autor que organiza e dá um efeito de unidade ao discurso, produzindo sentidos.

Guimarães e Orlandi (1995) compreendem a autoria como uma extensão do que foi proposto por Foucault. Para eles, o conceito de autoria, é uma das funções enunciativas do sujeito.

Teríamos, então, as várias funções enunciativas do sujeito falante, como segue, e nessa ordem: locutor, enunciador e autor. Onde o locutor é aquele que se representa como “eu” no discurso, o enunciador é a perspectiva que esse “eu” constrói, e o autor é a função social que esse “eu” assume enquanto produtor da linguagem. O autor é das dimensões enunciativas do sujeito a que está mais determinada pela exterioridade (contexto sócio- histórico) e mais afetada pelas exigências de coerência, não contradição, responsabilidade etc. (GUIMARÃES & ORLANDI 1995, p. 61).

Nessa perspectiva, autor, para AD, é aquele que enuncia discursivamente, o que vai além da proposta de Foucault, na qual o autor seria aquele que inaugura uma discursividade. Na AD, o autor é aquele que produz linguagem, produz texto, a partir de sua inserção no contexto histórico-social.

Orlandi (2015) atribui que “um alcance maior é que especifica o princípio da autoria como necessário para qualquer discurso, colocando-o na origem da textualidade. Em outras palavras: um texto pode até não ter um autor específico, mas, pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele”. Orlandi (1998) defende que não basta falar para ser autor, a assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Ser autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor.

Orlandi (2015) recoloca a questão da função-autor, definindo-a como uma função discursiva do princípio de autoria, conceito estabelecido por Foucault. Para a autora, a função-autor se constitui na representação da unidade do texto e não do discurso com sua coerência e completude imaginária. É responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto. Na perspectiva de Orlandi, a função-autor está sempre em funcionamento e não há textos desprovidos da função-autor. Vai sempre existir uma autoria, tanto em textos que circulam como nome de autor, quanto em textos que circulam no anonimato, pois quando alguém conta uma piada, um provérbio, ou outro tipo de texto que circula no anonimato, a função-autor está em funcionamento, assumindo a unidade, a coerência e a responsabilidade pelo dizer, visto que

o autor estaria afetado pelo contato com o social e suas coerções. De acordo com Orlandi (1996) é na função de autor que a relação do sujeito com a linguagem está mais sujeita ao controle social.

A partir do conceito de autoria em Orlandi, podemos considerar que a escritora do livro, objeto do presente estudo, se coloca na função- autor? A partir da noção de função-autor que apresentamos, podemos dizer que sim, visto que a escritora do livro assume uma função-autor no momento em que escreve o livro contando a sua história e a de seu filho, dentro de um contexto social. Ela busca dados na sociedade sobre as questões relevantes em relação ao autismo, ao mesmo tempo em que se assume mãe de um autista. A sua escrita passa a ser um falar dentro desse contexto social.

No entanto, se formos comungar da proposta de Foucault, que diz que o autor não é apenas aquele que elabora um texto, ao considerar autores os transdiscursivos: aqueles que criam teorias, tradições, disciplinas acadêmicas, não poderíamos pensar a escritora do livro na função-autor, uma vez que seu texto é muito mais um livro comercial, que poderia até ser classificado, na categoria de autoajuda⁷, a qualquer outro texto com representatividade autoral de acordo com Foucault. Sendo assim, cabe salientar que o livro estando na categoria de auto ajuda, não nos faz desqualificá-lo enquanto publicação, pois o nosso interesse por essa categoria é justamente, por ter um grande número de leitores e de pessoas que buscam acessar essa categoria de publicação.

De acordo com Orlandi, o autor representa para sociedade a ordem onde está inserido.

Para que o sujeito se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que ele se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica. O autor é, pois, o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel, na ordem social em que está inserido. (ORLANDI, 1996. p. 79).

A partir da citação acima, podemos conceber a escritora do livro objeto de nossa pesquisa, na função de autoria. Isto, porque ela faz uso dos conceitos sobre autismo, e, ao mesmo tempo, se constitui nesse meio, trazendo para seus leitores sua experiência sobre o

⁷A literatura de autoajuda é um gênero atualmente muito procurado pelos leitores em busca de autoconhecimento, de orientação espiritual, de respostas para os males que os afligem. Porém entre os críticos é visto com certas reservas em função de não ter uma cientificidade.

autismo, na escrita no livro. A escritora faz uma conexão com o mundo externo ao seu redor, e, automaticamente, se introduz na posição- sujeito autora, buscando compartilhar com seus leitores suas experiências com um filho autista, como podemos ver na sequência discursiva⁸ a seguir.

SD1: Este livro mostra como a esperança nos permitiu chegar tão longe com Ricardo, e tem o objetivo de servir de estímulo e alento para quem enfrenta problemas similares. É também a minha história, a história de uma mãe que lutou e chegou lá- ou quase chegou lá, porque quem é mãe sabe que o fim de uma etapa significa sempre o começo de outra nova etapa. (TABACHI, 2006, p. 15).

A escritora se coloca diante de uma responsabilidade social, falando para tantas outras famílias o quanto pode ser menos complicado lidar com um filho autista. Orlandi (1996, p.79) nos diz que: “[...] representar-se como autor é assumir, diante da instituição-escola e fora dela (nas outras instancias institucionais) esse papel social, na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor”.

A autoria se constitui num princípio de textualidade, mesmo que o texto não tenha um autor em específico, porém a função-autor lhe proporciona uma autoria. Diante do livro que elegemos como objeto de análise, a discursividade presente no texto vai nos interessar, pelo fato de que nesse discurso podemos identificar como o sujeito significa seu lugar, sua posição sujeito.

O texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como sujeito está posto, com ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação do mundo com o simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando, “falando”. E a leitura percorre esse processo. (ORLANDI, 2012, p. 67).

Devemos considerar que o texto escrito não é apenas uma sequência de frases soltas, precisamos imputar a ele uma textualidade. O texto gera uma coesão. Orlandi e Guimarães (1996) propõem que é a própria unidade do texto como efeito discursivo que deriva do princípio de autoria, sendo assim a autoria passa ser necessária a todo discurso, pois a autoria estaria na origem do texto.

⁸ A sequência Discursiva na Análise de Discurso é o que organiza internamente o texto. No presente trabalho, utilizarei sequências discursivas narrativas, dentro dos gêneros que elas podem predominar com objetivo de situar o leitor diante da análise do objeto.

Diante da possibilidade de uma análise textual, não podemos deixar de pensar o momento histórico de tal produção. Koch (2009) nos diz que a linguagem é uma atividade social constituída por meio da interação dos sujeitos. Assim, o sujeito é quem planeja e conduz um texto de acordo com as regras da sociedade na qual está inserido. Diante disso, podemos pensar as influências ideológicas entre autor e leitor que irão dar sentido ao texto, “a partir de uma posição dada a uma conjuntura sócio histórica dada [que] determina o que deve e pode ser dito”. (ORLANDI, 2009, p. 43).

Nesse sentido, podemos pensar que as falas em torno do autismo e a forma como lidar com o filho autista fazem com que a escritora e o leitor possam atribuir sentidos a um livro produzido pela mãe de um autista.

SD2: Muitos pais de filhos com deficiências desistem de procurar uma melhora e deixam de estimulá-los com meios ao seu alcance. Isso gera um comportamento cada vez mais anti-social. É preciso não isolar o filho em casa, não escondê-lo, e sim dar-lhes os meios de integrar-se na sociedade- são atitudes em que os pais e família devem persistir. A sociedade está mais compassiva e, aos poucos, aceita que as diferenças fazem parte dela. Aumentou muito, nos últimos anos, a conscientização em torno disso. (TABACHI, 2006, p. 59).

Na sequência discursiva acima, podemos verificar o quanto a questão social e o momento de produção do livro possibilitam diferentes interpretações e, por conseguinte, diversos sentidos. Assim, poderíamos pensar que o sujeito produz seu texto a partir da sociedade em que está inserido. E a partir disso podemos pensar na possibilidade de um interdiscurso⁹.

Sendo assim, podemos dizer que os efeitos de sentido surgem a partir das posições assumidas pelos sujeitos num determinado discurso, por suas filiações a uma determinada rede de sentidos. As mesmas palavras poderão ter sentidos diferentes, dependendo do cenário em que estão inseridas. Um exemplo pode ser a palavra “gozo”, que faz parte do objeto de estudo deste trabalho, pois esta sustenta sentidos muito distintos, dependendo da área em que é empregada, seja no senso comum, na psicanálise ou no direito.

Lagazzi-Rodrigues, em seu artigo *Texto e Autoria*, nos diz que “Localizar o princípio de autoria na origem da textualidade é vincular autor e texto a uma relação processual, o que é muito diferente de afirmar que o autor é a origem do texto ou o contrário” (2015, p.102).

⁹Para Orlandi (2005) o Interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas (já ditos) que determinam o que dizemos. Logo, para se analisar um discurso, devemos considerar os já ditos e assinalar aquilo que não foi dito (sentidos implícitos) que surge no que está sendo dito.

E acrescenta, ainda, que “O autor se constitui na medida em que o texto se configura” (2015, p.102).

De acordo com Orlandi (2015, p. 74)

Sendo a autoria a função mais afetada pelo contato com o social e com as coerções, ela está mais submetida às regras das instituições e nela são mais visíveis os procedimentos disciplinares. Se o sujeito é opaco e ao discurso não é transparente, no entanto o texto deve ser coerente, não contraditório e seu autor deve ser visível, colocando-se na origem de seu dizer. É do autor que se exige: coerência, respeito às normas estabelecidas, explicitação, clareza, conhecimento das regras textuais, originalidade, relevância e, entre outras coisas, unidade, não contradição, progressão e duração de seu discurso, ou melhor, de seu texto.

Eduardo Guimarães (1985) nos propõe que a textualidade é uma reescrituração infinita da linguagem, um processo de escrever aquilo já dito, porém, na posição de autor, o texto assume o efeito de finito. E Orlandi complementa dizendo:

Não basta falar para ser autor. A assunção de autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico- social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na relação com a linguagem: constituir-s e mostrar-se autor. (ORLANDI, 2015, p. 74)

E é nesse sentido que a escritora do livro aparece para seus leitores, como alguém que reúne um amontoado de “teorias” em relação ao autismo, descrevendo sua prática em torno da temática e colocando-se numa posição sujeito autor, ao escrever e direcionar os sentidos para os seus leitores, conforme veremos na sequência discursiva a seguir:

SD3: Não quero nem posso desanimar. Estou expondo minha vida porque aprendi a não fugir do que precisa de solução. Quem foge nunca tem o prazer da vitória. Além do mais, sei que, com meu exemplo vou ajudar muita gente que não acredita que um mudo pode falar, um surdo pode ouvir e um autista, quando bem orientado por profissionais competentes e cercado de muita paciência e amor, pode tornar-se um ser humano verdadeiramente integrado e feliz. (TABACHI, 2006, p.92).

Na SD que elencamos acima, podemos verificar que para a escritora chegar a essas conclusões, muitas coisas já foram ditas anteriormente por outros autores, muitos discursos anteriores foram absorvidos por ela e, a partir dessa rede de saberes, que a autora acessa via memória, ela corrobora um discurso, produzindo determinados sentidos em sua obra. A

escritora do livro traz marcas em seu texto, que produzem um efeito de superação, quando se propõe a “vencer” diante do autismo do filho, para que outras mães/ famílias possam se beneficiar de sua história.

Com falas como “não quero nem posso desanimar”, “quem foge nunca tem o prazer da vitória”, “vou ajudar muita gente”, a escritora estabelece o objetivo de superar a questão do autismo do filho, a partir de uma escrita, que é carregada de discursos que já circulam sobre o autismo. O discurso dessa mãe e escritora se constrói a partir da possibilidade de superação do autismo, ao mesmo tempo em que o livro assume um caráter de auto-ajuda, haja vista que a mãe afirma que com seu exemplo vai ajudar muita gente.

Como Guimarães nos propõe, segue a reescrituração de uma linguagem. Falar com segurança sobre o futuro de um filho autista, diante de diversas possibilidades, se dá a partir de leituras e conhecimentos construídos anteriormente, que puderam dar suporte para sua fala no presente, a partir de suas experiências.

Orlandi e Guimarães (1985) compreendem que o discurso é uma regularidade de uma prática, não um conjunto de textos, mas uma prática. E para que possamos analisar os textos, precisamos pensar no processo de produção. Diante das regularidades no discurso que encontramos no livro, podemos perceber as marcas da escritora por meio de sua posição sujeito autora?

Pensando no processo de produção do discurso, que discutimos acima a partir de Orlandi e Guimarães, é possível afirmar que, na escrita do livro, a autora imprime marcas que assumem uma regularidade no texto, na medida em que relaciona o autismo à ideia de superação, ao exemplo que sua experiência pode proporcionar e, ainda, à possibilidade de novas conquistas para o filho.

O que podemos perceber na fala da escritora é que o autismo carrega sentidos dentro de uma posição patológica e que a escrita de um livro pode possibilitar uma visibilidade social, dentro de um desenvolvimento satisfatório. A história de um autista, sendo narrada por uma mãe, e publicada em um livro, pode representar socialmente um movimento de autorização, diante de uma sociedade que ainda não conhece de forma suficiente as questões sobre o autismo. Sendo assim, poderíamos pensar a mãe/ autora como aquela que se autoriza a ser mãe de autista, a partir do momento que escreve um livro e quando passa o próprio conhecimento sobre o autismo para outras pessoas.

A seguir, traremos mais algumas SDs, a partir de trechos do livro, para que possamos discutir as regularidades no discurso da escritora do livro.

SD4: A criança que não se comunicava, o pré-adolescente comprometido, o adolescente arredio tornou-se um jovem que consegue conviver com outros, curtindo seus amigos, sua família, sua música, sua prática de natação. Um jovem que sorri, conversa, trabalha e é querido por todos. (TABACHI, 2006, p. 13).

A autora lança a ideia de que tudo foi muito difícil, porém explicita também o quanto, em sua concepção, o filho avançou. Ela traz, nesse trecho, marcas que constituem o desenvolvimento do filho, com efeito de superação. No início, fala da questão principal em relação ao diagnóstico do autista, pois justamente uma falha na inscrição do simbólico que irá denunciar aos familiares que algo de diferente existe no desenvolvimento da criança. Portanto, o autista vai ser aquele que inicialmente não entra numa cadeia discursiva. Na fala da escritora, o filho se torna um jovem incluído socialmente, que participa das relações sociais. Ao mesmo tempo em que a mãe demarca uma normalidade de um filho autista incluído socialmente, traz questões que revelam a instabilidade desses efeitos na inscrição simbólica e as precariedades dessa inscrição em torno do autismo.

SD5: A praticidade das ações foi muito mais eficaz que o sentimentalismo. Pouco a pouco, começamos a reverter o quadro. Lutávamos, Pedro e eu, lado a lado com Ricardo, para desamarrá-lo dos grilhões que o aprisionavam naquele labirinto. (TABACHI, 2006, p.29).

A escritora busca sempre relatar o quanto, com a dedicação da família, tudo pode ser possível, e fala do quanto é necessário sair da posição de inferioridade, deixar os sentimentos de dificuldade e impossibilidades de lado e seguir em frente na tentativa de produzir o melhor resultado para o filho. Nesse momento, ela evidencia e reconhece a presença e ajuda de seu esposo, o pai de seu filho.

A escritora mostra também o quanto, diante do diagnóstico do autismo, é importante agir racionalmente, pois foram a partir das ações postas em prática que o filho teve a possibilidade de evolução. Diante disso, podemos pensar que são as questões racionais e de entendimento sobre o autismo, que possibilitam ao autista uma condição de desenvolvimento. Pensar emocionalmente, talvez fosse colocar o autista dentro de um discurso de segregação, aquele que está fora de um padrão de desenvolvimento.

A escritora produz um efeito de sentido de que é possível garantir o desenvolvimento do filho autista. Gradativamente, os leitores podem identificar novas possibilidades de desenvolvimento do autista. Entrando nesse Discurso Materno de constituição do sujeito, a escritora mostra o quanto a função materna é constituinte, sendo que assumir, nesse

caso, uma posição sentimentalista, poderia não produzir uma possibilidade de constituição ao sujeito.

SD6: O estímulo precoce da criança com deficiência é essencial, diz Bete, e a família não deve perder tempo. A tenacidade compensa e a trajetória de Ricardo comprova que nada é para sempre. Estimulando, seu comprometimento aos poucos se atenuou. Pacientemente, Bete conversa com Ricardo sobre vários assuntos e mostra-lhe a vida exterior. Um aprendizado que já dura 20 anos! (TABACHI, 2006, p. 31).

Nessa passagem, a escritora fala do quanto a família precisa agir rápido, buscando possibilidades de estímulos com profissionais capacitados. Bete é uma profissional que trabalha com seu filho há 20 anos. O aprendizado contínuo é algo que caracteriza o desenvolvimento do filho. Nesse sentido, os pais precisam se apropriar da ideia e procurar profissionais que possam confiar o desenvolvimento de seus filhos. Com o ensinamento do “agir rápido”, a escritora produz um efeito de sentido no qual, quanto mais rápido o diagnóstico for fechado para que se possa iniciar a estimulação do autista, melhores resultados serão alcançados.

A partir do processo de produção e constituição do autista, evidências de seu desenvolvimento vão ganhando intensidade, podendo gerar no leitor essa função de uma escrita de autoajuda. Afinal, o que a sociedade espera de um sujeito é que ele produza, e um autista entrando nesse processo produtivo vai passar para os leitores o efeito de possibilidade de um desenvolvimento satisfatório.

SD7: Mesmo que o começo da vida de Ricardo tenha sido diferente do que foi para Alan, Bernardo e Rodrigo, o que há hoje em dia, é a satisfação de ver que sua maturidade se realiza graças aos muitos recursos e as pessoas que participaram, e ainda participam, desse crescimento. Pessoas que, como os três irmãos, deram muito de si para que Ricardo tivesse o estímulo e o afeto de que todo ser humano precisa para crescer. (TABACHI, 2006, p. 35).

Aqui, além dos profissionais, a escritora acrescenta o relato do bom relacionamento entre os irmãos, o quanto o afeto aliado ao estímulo é importante para o desenvolvimento do autista. Mais uma vez, a mãe ressalta a família e os profissionais, como peças importantes para o desenvolvimento do autista. Assim, o leitor terá a possibilidade de tomar para si, esses já ditos no discurso e a partir daí produzir sentidos que podem ou não ser favoráveis em relação ao desenvolvimento do autista. No texto, a escritora transmite a ideia de que lidar com um autista no início pode ser algo desagradável, mas a partir do entendimento e aceitação da questão do autismo, os efeitos podem ser amenizados. Nesse sentido, autor e leitor vão se constituindo nesse efeito de possibilidades de desenvolvimento.

SD8: Para lidar com autismo, há necessidade de amor e paciência. A família precisa estar unida e acreditar que há saída. Nunca perdi a fé. Só comecei a vencer essa guerra contra a doença de Ricardo porque acreditei que venceria. E porque investi pesado, buscando dar a ele tudo o que pudesse fazê-lo avançar: natação, caminhada, exercícios para postura, fonoaudiologia, aulas particulares, saídas para passeios e restaurantes, viagens. (TABACHI, 2006, p.38).

Nessa passagem, a escritora fala da certeza de que daria certo todo o investimento no filho, pois sempre acreditou que venceria a batalha em conviver e contribuir para o desenvolvimento do filho autista. Nesse trecho, podemos identificar o esforço da escritora em passar para seus leitores, o quanto eles precisam se esforçar e não devem desistir de seus filhos autistas. Para fundamentar a sua fala, ela imprime em seu discurso, diversas formas de atividades que possam colaborar para o desenvolvimento do autista.

Nesse sentido, poderíamos pensar um discurso de gozo, sendo que a pretensão da mãe seria se tornar alguém que dá conta de aparecer para o filho e para os leitores, como uma mãe provedora, gerando no leitor diversas possibilidades de pensar e desenvolver alternativas para o desenvolvimento de seus filhos com necessidades especiais.

Gozar, nesse discurso, estaria no lugar de mostrar para a sociedade o que seu filho pode produzir dentro de uma normalidade social. A sociedade espera que todo sujeito produza minimamente para que possa se representar, sendo que atender as normas de produção pode gerar, na mãe de um autista, um gozo fálico, em que o filho se torna objeto de gozo.

A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência, que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. Não tem história nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e relações materiais, transformam, a partir da sua realidade, também o seu pensar e os produtos do seu pensar. (MARX & ENGELS, 2008, p. 52).

A partir disso, podemos pensar que, na sociedade capitalista, o autista se torna um sujeito a partir do momento que se põe a produzir dentro de uma sociedade. Seria por essa via de produzir algo, que a mãe faz o movimento de promover o necessário para que o filho “apareça” na sociedade. Existe aí, uma mãe, que é produto de um capital, com acesso a diversos serviços que, de certa forma, possibilitam ao filho uma inserção na sociedade de produção.

SD9: Fiz tudo pra Ricardo ficar bom. É triste ver pais que não acreditam na cura de um filho, pais que podem pagar bons profissionais e não fazem. Pois eu digo: tenham esperança, o resultado acaba vindo, por mais que custe a chegar. (TABACHI, 2006, p.39).

Aqui, a escritora fala mais uma vez, na importância de acreditar que o resultado vai ser positivo e relata, ainda, a insatisfação em saber que muitos pais possuem disponibilidade financeira e acabam não investindo no desenvolvimento dos filhos. A escritora marca seu discurso materno diante da função de prover o necessário para o filho. O efeito de sentido produzido, nesse caso, é o de que todas as mães devem fazer o necessário para garantir o desenvolvimento do filho, sendo que quando a mãe não faz essa função, ela deixa uma espécie de lacuna no período inicial na constituição do bebê, pois ao não saber nada sobre seu filho, causa certo desamparo das funções constituintes. Porém, diante das possibilidades de proporcionar o necessário, mesmo que tardiamente, a mãe/ família deve necessariamente se doar. A escritora deixa para os leitores a ideia de que “lutando” o resultado vem da melhor forma, ao mesmo tempo em que pode criar no leitor, certa “obrigatoriedade” em não desistir do desenvolvimento do autista.

SD10: A rejeição me deixava muito triste. “Ih, lá vem aquela mulher com aquele maluco”, foi uma das frases que ouvi ao me aproximar da piscina com Ricardo. Pesava sobre mim, ao refletir sobre a reação das pessoas à maneira de ser de Ricardo, um profundo sentimento de dor. Meu consolo eram as palavras de Pedro: “Não me incomoda com que as pessoas sentem ou pensam. Ele vai ficar bem”. Tamanha convicção, que ouvi numerosas vezes [...]. (TABACHI, 2006, p. 43).

Aqui a escritora relata o quanto o convívio social pode ser algo bastante difícil, o quanto a sociedade pode não estar preparada para um convívio social, com pessoas com algum tipo de deficiência. Mesmo assim, ela destaca, no fim dessa fala, o quanto acreditou em sua persistência e como o apoio do esposo fez com que acreditasse em um desenvolver do filho da melhor forma. Diante de uma mãe que aposta no desenvolvimento do filho, ter que conviver com uma sociedade que o discrimina, pode ser algo difícil de lidar, principalmente para uma mãe que alimenta um discurso de que pode prover o necessário para o filho, para que o filho viva dentro de uma normalidade.

Foucault, em seu texto *Os Anormais*, nos faz pensar sobre aquilo que sai fora da norma, dizendo que de uma forma ou de outra será questionado.

Não será mais simplesmente nessa figura excepcional do monstro que o distúrbio da natureza vai perturbar e questionar o logo da lei. Será em toda parte, o tempo todo, até nas condutas mais ínfimas, mais comuns, mais cotidianas, no objeto mais familiar da psiquiatria, que esta encarará algo que terá, de um lado, estatuto de irregularidade em relação a uma norma e que deverá ter, ao mesmo tempo, estatuto de disfunção patológica em relação ao normal. (FOUCAULT, 1975, p. 205).

Diante da fala da mãe, pode-se pensar que as famílias irão atravessar diversas dificuldades, com muitos preconceitos. Mas, os pais não podem acreditar em uma fala que possa diminuir o autista. A escritora considera que o preconceito vai existir, porém o desejo em atravessar tal obstáculo deverá prevalecer. Dessa forma, Foucault, foi preciso ao falar que para uma irregularidade existe uma norma, ao mesmo tempo em que para uma patologia existe um estatuto normatizante.

SD11: Quanto progresso! Hoje, Ricardo já consegue ler parte da legenda de filmes estrangeiros. Não entende tudo, mas se esforça. Concentra-se melhor ao ver filmes em português e acompanhar séries de TV, conhecendo alguns autores e atrizes. Vera está ensinando Ricardo a contar dinheiro, mas isso lhe é difícil e, a vezes, ele diz a ela: “Minha barriga está tremendo, tenho que falar com minha psicanalista o porquê desse meu nervoso”. Ou seja, reconhece o que sente e o expressa muito bem. (TACHACHI, 2006, p. 47).

A escritora deixa marcas em suas falas que nos remetem à necessidade do sujeito produzir para uma sociedade. Ela fala do filho que consegue ler legendas de filmes estrangeiros, atendendo a uma necessidade de uma sociedade letrada. Ler legendas de filmes estrangeiros significa, minimamente, se familiarizar com uma segunda língua, que hoje é essencial. A escritora também ressalta a importância de um saber lidar com o dinheiro, atendendo, assim, a uma necessidade capitalista.

A mãe continua relatando o desenvolvimento do filho, fala das dificuldades, porém sempre enfatiza para os leitores a possibilidade de entender que tudo pode parecer menos difícil. O fato de seu filho já conseguir se expressar em relação às sensações aparenta ser um grande avanço, e principalmente para os leitores, que podem identificar uma possibilidade real de desenvolvimento. Mais uma vez, a escritora reforça o quanto o estímulo com o filho tem rendido bons frutos, gerando um efeito para o leitor, de que o autista se desenvolve, e que em determinado momento ele mesmo poderá se questionar em relação às suas atitudes. Ao mesmo tempo, também gera o sentido de que o autista pode atender às necessidades previstas pela sociedade. A escritora e mãe, não cansa de se inscrever no lugar daquela que possibilita ao filho um viver em sociedade.

SD12: Um pouquinho aqui, outro tantinho ali, Ricardo fez progressos. Pouco a pouco, como alguém que só é capaz de dar um pequeno passo de cada vez, descobriu o mundo exterior. Aos sete anos, ele já falava! É verdade que, no início, dizia coisas desconexas, mas, pelo menos, aprendeu a pedir comida e outras necessidades básicas. Era uma linguagem tão estranha que parecia outro idioma e eu tinha de traduzi-la. (TABACHI, 2006, p.49).

Na escrita acima, a escritora explicita o quanto o processo de desenvolvimento pode ser demorado, porém fala de muitas possibilidades, o que gera no leitor um efeito de possibilidade de progresso diante de um diagnóstico, deixando marcas no seu discurso materno, do quanto é necessário um sujeito produzir para uma sociedade que o possa incluir. Os leitores podem compreender que é muito difícil, porém com todas as evidências de progresso, pode ficar mais fácil acreditar que o autista se desenvolve. Não podemos deixar de citar o quanto o leitor precisa estar representado nesse discurso, para que o mesmo possa fazer sentido. Para que o autor chegue ao seu objetivo, o leitor precisa corresponder ao que foi dito.

[...] essa sua função, tem seu pólo correspondente que é o leitor. De tal modo isso é assim que cobra-se do leitor um modo de leitura especificado, pois está como o autor, afetado pela sua inserção no social e na história. O leitor tem sua identidade configurada enquanto tal pelo lugar social em que se define “sua” leitura, pela qual, aliás, ele é considerado responsável. (ORLANDI, 2015, p.75)

Assim, a escritora reforçaria para seus leitores a ideia de que com dedicação e persistência se consegue uma evolução, ao mesmo tempo em que destaca a necessidade de um sujeito produzir de acordo com a sociedade do capitalismo.

SD13: Como Ricardo evoluíra! Estimulado ao máximo pelos profissionais que contratamos, melhorara muito- e continuaria a melhorar nos anos seguintes. (TABACHI, 2006, p.57).

Nessa parte do livro, a escritora reforça, mais uma vez, a evolução do filho diante do trabalho desenvolvido pelos profissionais que foram contratados pela família. Ela, fala ainda em um futuro promissor, no qual seu filho estaria em constante evolução. Com falas que marcam, o quanto ela procura atender a uma imposição social, o sujeito precisa se apresentar dentro de uma proximidade com a norma social, pois só assim estaria garantido, mesmo que de forma precária, a uma inclusão. Mais uma vez, traz a ideia do “não desistir e investir no desenvolvimento”, pois só assim os pais de autistas poderão acreditar e presenciar o desenvolvimento de seus filhos, dentro de uma sociedade que entende o sujeito enquanto produtor.

SD14¹⁰: Muitos pais de filhos com deficiência desistem de procurar uma melhora e deixam de estimulá-los com meios ao seu alcance. Isso gera um comportamento cada vez mais anti-social. É preciso não isolar o filho em casa, não escondê-lo, e sim dar-lhe os meios de integrar-se na sociedade- são atitudes em que os pais e família devem persistir. A sociedade está mais compassiva e, aos poucos, aceita que as diferenças fazem parte dela. Aumentou muito, nos últimos anos, a conscientização em torno disso. (TABACHI, 2006, p. 59).

Nesse trecho, a mãe fala da possibilidade de convívio social, do quanto a sociedade parece estar mais receptiva para os sujeitos com algum tipo de deficiência. Retrata, mais uma vez, a indignação em relação aos pais que teriam possibilidades financeiras de investir no desenvolvimento do sujeito com deficiência, e mesmo assim, não o fazem.

A mãe deixa marcas de que, para ela, os pais/famílias, precisam produzir em favor às normas da sociedade, imprimindo o fato de que o filho pode ser autista, porém todos deveriam persistir até que esses sujeitos sejam enquadrados dentro de uma normalidade social. Com isso, remete mais uma vez ao leitor a questão da persistência da família, na qual com dedicação a evolução se torna possível. A mãe acrescenta ao leitor uma prática pessoal, que em alguns momentos pode ficar difícil ultrapassar alguma barreira, porém sempre será necessário lutar contra uma sociedade preconceituosa. Nesse sentido, pode gerar no leitor uma sensação de que, “tudo pode ser muito difícil, porém se a escritora do livro ultrapassou o leitor também pode ultrapassar”.

SD15: As viagens com a família, os passeios, as aulas de violão, dança, musculação e natação, mais o trabalho da psicanalista, da fonoaudióloga e da professora particular, o carinho da família- tudo isso lhe dera amadurecimento e o deixara pronto para novos desafios. (TABACHI, 2006, p.63).

Na passagem acima, além de mostrar todas as atividades que o filho desempenha e citar os profissionais que estão envolvidos no processo de desenvolvimento de seu filho, os escritos reforçam a questão do carinho da família. Assim, imprimem o sentido de que com a ajuda de profissionais e com o amparo da família, o autista se desenvolverá da melhor forma possível, para que em algum momento a sociedade possa incluí-lo enquanto sujeito que produz. De certa forma, a escritora passa às famílias leitoras, a ideia de que precisarão de uma assídua

¹⁰A SD14 foi utilizada em outro momento nesse capítulo, portanto anteriormente utilizada para contextualizar o momento da escrita do livro em relação à posição de autoria.

dedicação em relação ao desenvolvimento de um autista, caso o desejo seja de ver o sujeito incluído socialmente.

SD16: Quando o vejo satisfeito, preparado para se divertir, sinto vontade de gritar para os pais de filhos em situação semelhante o quanto vale a pena lutar para integrá-los à vida social. Eles são parte legítima dessa sociedade. A inclusão é um direito que não lhes pode ser negado. As pessoas têm que entender isso. (TABACHI, 2006, p.78).

Mesmo falando dos direitos que todo ser humano tem, focando principalmente na participação em sociedade, a mãe volta na questão de que o investimento familiar é fundamental para o desenvolvimento do sujeito com deficiência, passando para seus leitores a ideia de que esse sujeito não pode ficar às margens da sociedade, mas precisa ser integrado e sentir-se parte dela.

SD17: Às vezes, me pego olhando para ele e pensando como um rapaz do seu tamanho, bonito, que calado parece um homenzarrão, quando abre a boca é apenas um menino...mas um menino que está alçando vôo. (TABACHI, 2006, p.83).

Nessa passagem, a escritora relata a dificuldade de ver o filho com um desenvolvimento biológico normal, porém com um desenvolvimento psíquico defasado. Assim, ela explicita a dificuldade que os pais de autistas enfrentarão nesse sentido, no qual perceberão um filho adulto, mas que muitas vezes se comportará como uma criança ou como um adolescente, e que mesmo assim precisa ser estimulado para que haja uma constante evolução. Esse é um efeito que socialmente circula, o “homenzarrão” precisa produzir enquanto homem, não dando a ele o direito de se sentir e agir enquanto um menino. A sociedade, altamente produtiva, não permite que adultos, não produzam enquanto adultos. Assim também é para o autista adulto, é necessária uma produção que caracterize esse “homenzarrão”, para que haja inclusão.

A escritora ainda fala de um alçar vôo, onde passa um efeito de sentido, que pode ainda não estar produzindo de acordo com a necessidade social, porém um dia vai atingir o objetivo produtivo.

SD18: Ricardo é uma surpresa em tantos aspectos, e não seria diferente também nesse. Quando menos se espera, meu filho, antes comprometido em âmbitos os mais diversos, entende e aprende coisas novas. Renova-se – e eu dou um sorriso enorme de felicidade e alegria quando isso acontece. Atualmente, aliás, o que mais faço é sorrir e agradecer a Deus por ter me dado a graça da melhoria de Ricardo. Sei que sem minha coragem nada aconteceria, mas posso

afirmar que as duas coisas – caminharão juntas. Deus me faz andar para frente, e acima de tudo, me ajuda a não desistir. (TABACHI, 2006, p.86-87).

Nesse momento, a mãe relata aos leitores o quanto seu filho tem gerado felicidade para ela, pois vem demonstrando efeitos positivos diante de todos os estímulos. Nesse momento, fica explícito o desejo de ver um sujeito que produza para uma sociedade, pois quanto mais inserido na sociedade produtiva, mais essa mãe pode aparecer na sua função.

A escritora também, fala de uma fé em Deus e em si, colocando sua coragem, como fundamental para o processo de desenvolvimento do filho. Sendo assim, a família aparece mais uma vez como peça fundamental para o constante desenvolvimento. Isso leva a pensar, mais uma vez, que, com dedicação e investimento da família, o desenvolvimento fica garantido diante das possibilidades de incluí-lo socialmente.

SD19: Às vezes, a família esconde o filho especial, diferente, tentando evitar a discriminação e o preconceito. É muito duro enfrentar a incompreensão, mas a fuga não é o caminho certo. Pode ser que a incompreensão venha de dentro da própria família, quando esta quer ocultar o que foge aos padrões idealizados pela sociedade. Por isso eu digo e repito, a quem tem filhos como o meu ou com outros problemas: vamos olhar de frente quem nos olha de lado e mostrar que todos os seres humanos têm direito a usufruir as coisas boas desse mundo. (TABACHI, 2006, p.93).

Já no final do livro, a escritora faz uma chamada geral para a questão do inserir os sujeitos com deficiência numa sociedade, mesmo sendo ela, uma sociedade preconceituosa. Relata também o quanto algumas famílias “pecam” em não investir nesses sujeitos, para tentar evitar uma discriminação. De certa forma, dita como deve ser esse processo, encorajando as famílias a investirem no desenvolvimento dos autistas.

Diante das regularidades enunciativas e dos diferentes efeitos de sentidos que podemos identificar nas SDs acima citadas, percebemos a escritora do livro na posição sujeito autora, pois assume o texto trazendo uma perspectiva positiva em relação ao desenvolvimento do filho autista. A partir das experiências vivenciadas a escritora pôde apresentar para seus leitores, que com amor, confiança, garra, comprometimento e auxílio de bons profissionais, seu filho e os filhos de outros podem levar uma vida dentro de uma normalidade.

Quando a escritora expõe em forma de livro sua vida e a de sua família, diante de uma fala de que a sociedade pode absorver como um discurso “promissor”, no sentido de mostrar possibilidades infinitas de contribuir para o desenvolvimento de um autista, produz um efeito de que “com coragem e persistência tudo é possível”.

A escritora assume um discurso materno, de promover ao filho possibilidade de se constituir enquanto sujeito. Na posição materna, a escritora se introduz num discurso atravessado por outros discursos: o discurso de uma sociedade de produção, na qual, para ser incluído, o sujeito precisa produzir; o discurso médico, no qual busca possibilidades de desenvolvimento do filho; o discurso familiar, em que, a família precisa garantir condições para o desenvolvimento do sujeito; entre outros discursos, que interpelam a escritora num discurso materno.

Orlandi (2015) fala que, como autor, o sujeito, ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, também se remete a sua interioridade, construindo, desse modo, sua identidade como autor.

Para pensarmos o sujeito autor em AD, temos que nos deter ao que é produzido pelo possível autor. Diante de uma autoria, precisamos identificar se no texto há uma possibilidade de interpretação, pois, segundo Orlandi, o sujeito só assume a posição de autor, se ele se representa nesse lugar, se dá possibilidades de gestos interpretativos.

Nesse sentido, podemos perceber a escritora do livro na posição de autor, pois o texto está marcado pela autoria, a partir da escrita de sua experiência, que, possibilita diversos gestos de interpretação que, a escritora do livro se coloca nesse lugar.

Estando a escritora do livro na posição de autoria, podemos pensar, em AD o que Gallo nos propõe em relação ao efeito de autoria. A partir das significações das interpelações ideológicas do discurso, podemos pensar a questão do efeito-autor, mobilizado essas novas possibilidades de significações que Gallo (2001) vai tratar como sendo o efeito do confronto de formações discursivas, cuja resultante é uma nova formação dominante.

De acordo com Gallo (2001), para se produzir o efeito-autor, é necessário que haja um confronto entre diferentes formações discursivas, inaugurando-se, assim, uma nova formação discursiva. Um novo discurso, nesse caso, confronta o que vem sendo dito e aponta para produção de novos sentidos.

Através das falas contidas no livro, os leitores podem inaugurar o efeito-autor, a partir do confronto de discursividades enunciadas. Os leitores do livro "*Mãe me ensina a conversar: Vencendo o autismo com amor*", podem se apropriar de falas presentes no texto e a partir dali possibilitar o surgimento de novos discursos, diante da questão de ter que lidar com um familiar autista. Efeito esse que a escritora anteriormente experienciou, pois somente a partir de leituras e conhecimentos anteriores, ela pôde falar sobre um tema tão complexo como o autismo. De acordo com Gallo (2012), o efeito autoria é o efeito de um texto que se alinha a um lugar discursivo legitimado, reconhecível, sem que haja, para sua interpretação, necessidade

do contexto imediato, porque o que está dito se alinha a uma discursividade recorrente, que faz com que ao lermos, reconhecamos os sentidos.

Dessa forma poderíamos pensar o livro de Dalva Tabachi? Os leitores que tiverem acesso ao livro, poderão imediatamente identificar os sentidos presentes no texto? O que a escritora faz e escreve, é um texto, já dito por outros, sendo que os sentidos sobre o autismo estão presentes no texto. O efeito – autor não fica explícito no texto, pois o que fica claro é que a escritora faz tentativas de legitimar um discurso, não deixando evidente uma legitimação para o discurso dela, no texto. O que se sabe é que para essa mãe/ escritora, o autismo se caracterizou dessa forma, porém para outros, os discursos também poderão ser outros.

Orlandi (2006), ainda nos fala que há um efeito-leitor, que seria, como a função-autor, uma função de todo sujeito. Portanto, diante desse livro, temos, então, um sujeito que lê e produz sentidos, e que se caracteriza a partir de um efeito-leitor, atribuindo efeitos de sentido ao texto a partir de suas experiências anteriores. A mãe/escritora produziu muitos efeitos durante leituras anteriores, para posteriormente se colocar na função- autor.

A noção de efeito-autor, trabalhada por Gallo, traz o conceito como algo da prática, diz em relação ao “escritor” do texto se sentir na posição de autoria, perceber que produziu algo, o que, no presente trabalho, diz respeito ao discurso materno presente no livro. Estaria, então, a autora do livro, marcando ali uma posição sujeito autor diante da produção do livro, junto às possibilidades de efeitos proporcionados por tal escrita.

Gallo (2001) apresenta a autoria em dois níveis na análise sempre considerando-a em relação a um novo sentido. A autora compreende a função-autor no nível enunciativo-discursivo, e o efeito-autor no nível enunciativo por excelência, no confronto de formações discursivas.

É o efeito de um texto que se alinha a um lugar discursivo legitimado, reconhecível, sem que haja, para sua interpretação, necessidade do contexto imediato, porque o que está dito se alinha a uma discursividade recorrente, que faz com que ao lermos, reconhecamos os sentidos. Esse tipo de escrita, nós não aprendemos na Escola enquanto alunos. Na Escola, o que grafamos só pode ser reconhecido no contexto enunciativo em que foi produzido. Não funciona fora da Escola porque não seria re-conhecido. O que se produz na Escola, com o nome de escrita, é discurso de oralidade, grafado. Assim como também existe o discurso de escrita, oralizado. A diferenciação, aqui, entre escrita e oralidade, não obedece a um critério empírico que seria a produção pelas cordas vocais ou pela mão, mas a um critério discursivo. (GALLO, 2012, p. 55).

Oralidade e escrita devem ser analisadas a partir das organizações discursivas, para que as posições assumidas diante desses discursos possam ser presenciadas. E também na escrita há uma presença histórico-social. O discurso oral ou escrito, são essenciais para

constituição do sujeito, nesse sentido, podemos pensar que, pouco importa a questão teórica em relação à autoria, pois o necessário para gerar um efeito, se dá pelas interpretações dos sujeitos que lêem ou ouvem o texto.

Entretanto, o se dizer mãe numa oralidade permite a escritora do livro objeto da pesquisa circular pelos lugares que necessita estar, para mostrar para seus leitores, o quanto no seu discurso, pode assumir uma função materna. Na escrita do livro, a escritora pôde se dizer mãe em uma função constituinte para o sujeito, diante de um filho autista. A mãe assume uma posição sujeito mãe, a partir da uma escrita, onde diferente da oralidade, produz um sentido único, legitimando uma posição sujeito. Conforme Gallo:

O discurso da oralidade é aquele que produz um sentido ambíguo e inacabado, enquanto o discurso da escrita produz um sentido único e desambigüizado, sendo legitimado institucionalmente. Logo, o discurso da escrita é o que é aceito e valorizado pela escola, no entanto, a escola não ensina esse discurso, “exatamente porque esse discurso tem um lugar próprio para existir, e um lugar sempre institucional, que não é a Escola” (Gallo, 1992, p. 59).

A escritora do livro possibilita aos leitores acesso ao dizer a partir de seus pré-construídos, que ao mesmo tempo podem ser interpelados em novos sentidos, criando novas possibilidades a partir de sua função enunciativa, o que possibilita um efeito de autoria.

Assim, questionamo-nos: seria possível a escritora assumir uma posição sujeito mãe a partir da posição sujeito autor? Seria a partir dessas possibilidades de efeito-autoria que a escritora do livro poderia se identificar como sendo uma mãe provedora em sua função?

Para existir um sujeito, é necessário que haja no Outro o desejo materno. Mesmo que de forma tardia, o desejo precisa estar presente para que o sujeito se constitua. Sendo assim, a partir das análises mencionadas acima, podemos constatar que, aquela que escreve o livro, se coloca na posição sujeito mãe.

Diante disso, podemos pensar que é o discurso materno que dá possibilidades de efeitos de sentidos através das formações discursivas. O discurso da mãe precisa advir, para assim advir um sujeito, um sujeito constituído no inconsciente, um sujeito que possa se inscrever no simbólico. Podemos considerar como discurso materno aquele que deixa marcas em relação às falas, no qual, por meio da mãe, o sujeito é autorizado a se tornar sujeito. Um discurso que muitas vezes se apresenta contraditório, mas um discurso que introduz Outros no discurso. Um discurso que coloca a mãe numa posição de completude, mas que ao mesmo tempo mostra as fragilidades diante de um filho autista.

Nesse sentido podemos pensar o a contradição na AD, onde a mesma também é constitutiva do sujeito, é também pela contradição que o sujeito produz sentido. A contradição se dá pelo sentido heterogêneo e não pela oposição de sentidos.

Assim, o estudo da heterogeneidade permite apreender tanto o contato entre Formações Discursivas diferentes e suas respectivas formas-sujeito, quanto o contato entre posições-sujeito, inscritas na mesma Formação Discursiva, mas igualmente diversas. O que implica a concepção de uma Formação Discursiva heterogênea, em que o mesmo convive com a diferença e a divergência, dando origem à contradição (INDURSKY, 2001, p. 28).

Nesse sentido poderíamos levantar a hipótese de que é pela contradição que o discurso materno pôde se desenvolver. Foi falando das fragilidades do filho ao mesmo tempo em que a potencialidades da mãe puderam aparecer, que possibilitaram a escrita de um livro. Uma mãe com uma necessidade de aparecer como uma “super mãe”, ao mesmo tempo em que se dá conta das falhas em relação ao desenvolvimento do filho.

Em seu livro, a escritora fala de todas as possibilidades de ser mãe e o quanto o seu desejo para o desenvolvimento do filho está presente no livro. Sendo assim, identificamos a escritora do livro numa posição sujeito mãe, a partir de sua posição sujeito autora, pois através do livro, o desejo de mãe pode aparecer, deslocando a escritora para essa outra posição sujeito.

Pelo fato de a AD e a Psicanálise tratarem o discurso como algo constituinte do sujeito é que se buscou fazer essa articulação, pois para ambas as áreas, o discurso é o que torna o indivíduo, sujeito, seja pelas formações discursivas ou pelo inconsciente, o sujeito surge a partir dessa interpelação.

5 GOZO: POSSIBILIDADES DE UMA FUNÇÃO MATERNA

O objetivo principal desse capítulo é abordar, a partir da teoria do “gozo”, a possibilidade de uma mãe marcar sua função materna, com base nesse conceito psicanalítico. Porém, antes de chegarmos à teoria trabalhada por Lacan, precisamos retornar a Freud, com o conceito de “*princípio de prazer*”, pois já nesse texto o autor faz importantes considerações para que, mais tarde, Lacan pudesse formular o conceito de gozo.

As primeiras formulações de Freud sobre *prazer* encontram-se no *Projeto para uma Psicologia Científica* e datam de 1895. Nesse momento, Freud conceitua o *prazer* como resultado das primeiras experiências de satisfação. O *prazer* seria, assim, uma forma de alívio de tensão psíquica, provocando uma sensação de satisfação. Anos mais tarde, no texto *Além do Princípio do Prazer* (1920), o autor aborda a temática de forma efetiva, iniciando o texto da seguinte forma:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer. (FREUD, 1920, p. 17).

Freud propõe que o sujeito, em busca por satisfação, dispõe-se a obter prazer, evitando o desprazer, ou seja, procura um alívio de tensão. Sendo assim, torna-se relevante enfatizar que a satisfação é sempre parcial. Conforme Freud (1920, p. 18), “o desprazer corresponde a um *aumento* na quantidade de excitação, e o prazer, a uma *diminuição*”, e sob essa relação proporcional, o autor demonstra-nos que o prazer e o desprazer caminham juntos e, por consequência, onde houver prazer sempre estará atravessado o desprazer.

O dualismo *prazer e desprazer* remete a dois princípios do funcionamento psíquico: o *princípio do prazer* e o *princípio de realidade*. Por um lado, temos o *princípio de prazer*, que visa à realização do prazer; por outro lado, temos o *princípio de realidade*, que impõe limites à realização do prazer, convocando-nos a pensar que a busca pelo prazer não pode acontecer de forma desmedida.

Nesse sentido, podemos pensar que a substituição de um princípio por outro é uma forma de proteção, pois, mesmo de forma limitada, o *princípio de realidade* permite que o *princípio de prazer* ocorra. Como pode ser lido em Freud:

Sob a influência dos instintos [pulsões] de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. Contudo, o princípio de prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos instintos [pulsões] sexuais, que são difíceis de ‘educar’, e, partindo desses instintos [pulsões], ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo. (FREUD, 1920, [2006], p. 20).

Segundo Maliska (2017, p. 91), “O que Freud escuta a partir de sua clínica é que o sujeito não busca somente o prazer e evitar o desprazer, mas que busca alguma forma de prazer no desprazer”. Nesse momento, indagamo-nos em relação ao objeto de nossa pesquisa: a produção de um livro sobre o autismo seria uma forma de prazer diante do desprazer do diagnóstico de um filho autista?

Com a sequência discursiva a seguir, ilustramos a figura de uma mãe cujo discurso é, aparentemente, confortável diante da realidade de ter um filho autista e, ao mesmo tempo, de satisfação quanto à produção de um livro no qual o enredo se dá a partir de experiências em torno do desenvolvimento de seu próprio filho.

SD20: Este livro mostra como a esperança nos permitiu chegar tão longe com Ricardo, e tem o objetivo de servir de estímulo e alento para quem enfrenta problemas similares. É também a minha história, a história de uma mãe que lutou e chegou lá - ou quase chegou lá, porque quem é mãe sabe que o fim de uma etapa significa sempre o começo de outra nova etapa. (TABACHI, 2006, p. 15).

Sabemos que existem vários estímulos desagradáveis que poderiam ser inclusos na categoria do desprazer. No texto *Além do Princípio de Prazer*, Freud (1920) ainda refere-se ao desprazer, como algo que poderia ser desagradável ou "perigoso", termo esse utilizado pelo próprio autor.

A maior parte do desprazer que experimentamos é um desprazer perceptivo. Esse desprazer pode ser a percepção de uma pressão por parte de instintos [pulsões] insatisfeitos, ou ser a percepção externa do que é aflitivo em si mesmo ou que excita expectativas desprazerosas no aparelho mental, isto é, que é por ele reconhecido como um ‘perigo’. A reação dessas exigências instintuais [pulsionais] e ameaças de perigo, reação que constitui a atividade apropriada do aparelho mental, pode ser então dirigida de maneira correta pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade pelo qual o primeiro é modificado. Isso não parece tornar necessária nenhuma limitação de grande alcance do princípio de prazer. Não obstante, a investigação da reação mental ao perigo externo encontra-se precisamente em posição de produzir novos materiais e levantar novas questões relacionadas com nosso problema atual. (FREUD, 1920[2006], p. 22).

A partir dessa passagem da obra de Freud, podemos considerar uma hipótese, a qual não é a mais importante em nossa pesquisa, mas pode ser considerada: a possibilidade de que a própria escrita de um livro por uma mãe de autista seja algo que viria, justamente, em substituição ao diagnóstico do autismo. Todas as constatações reais, acrescidas das fantasias que podem existir em torno do desenvolvimento do filho autista, seriam direcionadas pelo *princípio de prazer*, resultando em algo agradável: a escrita de um livro. E junto com a escrita do livro, a mãe coloca todo o sucesso terapêutico em relação ao desenvolvimento do filho, deixando marcas na escrita, na qual podemos visualizar uma mãe, que permite se reconhecer enquanto uma mãe possível para esse filho.

Nesse caso, portanto, estaríamos confirmando a busca do prazer diante de um desprazer anteriormente constatado. O que queremos apontar com isso, entretanto, não é uma análise da posição da mãe (seus prazeres e/ou desprazeres), mas o gesto de escrita implicado no livro, independentemente do sujeito que o escreveu. Logo, trata-se de uma aproximação com nosso objeto de estudo, concebendo-o no interior de um gesto de escrita que tenta operar sob a lógica de um mecanismo compensatório, no sentido de que a mãe pode *gozar* com a escrita do livro e ao mesmo tempo marcar uma posição materna, possível a ela.

Os mecanismos compensatórios foram amplamente abordados pela psicanálise, desde o estudo sobre o sintoma até os movimentos de presença e ausência na repetição. Na obra *Além do princípio de prazer*, Freud investiga a constituição subjetiva através das experiências pulsionais colocadas em evidência no clássico exemplo da brincadeira do *Fort- Da*, tal como pode ser verificado no trecho a seguir:

Esse bom menino, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-ó’, acompanhado por expressão de interesse e satisfação. Sua mãe e o autor do presente relato concordaram em achar que isso não constituía uma simples interjeição, mas representava a palavra alemã ‘fort’. (FREUD, 1920[2006], p. 26).

Com esse exemplo, Freud coloca em cena o jogo da presença/ausência, de extrema importância para a constituição do sujeito, sendo próprio da linguagem tornar presente um objeto ausente. Além de anunciar o papel simbólico da linguagem na constituição do sujeito, o exemplo aponta para uma tensão pulsional entre o amor e o ódio pela mãe, o desprezo e a solidão que a criança acaba sentindo em decorrência da ausência da mãe. E, ainda, alude aos sentimentos hostis da criança que se deslocam da mãe para o objeto. Os sentimentos hostis aí

transferidos ao objeto estão relacionados à questão prazer/desprazer, tornando essa compulsão à repetição uma satisfação pulsional que é, instantaneamente, agradável.

Quanto a esse ponto da teoria, Freud diz que o que vem, por meio da *repetição*, são aspectos primitivos da atividade psíquica, não sendo possível acessá-los por estarem no inconsciente. Freud assim descreve o modo como as repetições acontecem na clínica psicanalítica.

É obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico [analista] preferiria ver, recordá-lo como algo pertencente ao passado. Essas reproduções [repetições], que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo, e de seus derivativos, e são invariavelmente atuadas (acted out) na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico [analista]. (FREUD, 1920, [2006] p. 31).

Lacan, em estudos referentes aos conceitos psicanalíticos nomeados por Freud, destaca que a *repetição* está dentre os conceitos mais importantes, juntamente aos de *inconsciente*, *pulsão* e *transferência*. Considerados fundamentais por Lacan, esses quatro conceitos são discutidos no Seminário 11. Nesse momento, entretanto, importa-nos somente a noção de *repetição*, à qual Lacan relaciona o *objeto a*, objeto esse que estaria fora da cadeia de significantes; porém, curiosamente, as repetições acontecem em torno desse mesmo objeto. Fink, no capítulo intitulado *A causa real da repetição*, no livro *Para ler o seminário 11 de Lacan*, faz a seguinte afirmação:

A repetição envolve algo de que, por mais que se tente não se consegue lembrar. O pensamento não consegue encontrá-lo: O que é isso? Isso é o que está excluído da cadeia significante, mas em torno de que cadeia gira. O analisando dá voltas e mais voltas numa tentativa de articular o que parece estar em questão, mas não consegue localizá-lo, a menos que o analista aponte o caminho. (FINK, 1997, p. 241).

A repetição seria uma maneira de colocar em ato, de diversas formas, o fantasma¹¹, numa tentativa de conseguir atingir algum gozo. Segundo Maliska (2017, p. 95-96), “A repetição tende à perpetuação de um estado de coisas, enquanto que as mudanças seriam a desunião, o rompimento com esse estado de coisas e a busca por uma mudança e

¹¹ Forbes (1984) diz que a estrutura do Fantasma coordena dois elementos heterogêneos: um, da ordem do significante- o sujeito; outro, objeto dito “pequeno a”. O sujeito não encontra seu ser na cadeia dos significantes, pois o que ele perde ao se constituir sujeito é exatamente seu ser. Lembremos que aonde se pensa não se é. É no fantasma que algo do ser, enquanto objeto de um desejo, do Outro e, por contrapartida, ali onde se é não se pensa.

transformação”. Diante da mãe escritora do objeto de nosso estudo, questionamos: estaria ela repetindo, através da escrita do livro, o algo inicial do diagnóstico de seu filho? Logo no início da obra, esclarecendo aos leitores como foi estar diante do diagnóstico do filho, ela escreve:

SD21: ... É preciso continuar vivendo, paralelamente à busca de uma solução: trabalhar, ter vida social, cuidar da família. Foi assim que aconteceu na situação do Ricardo, o mais velho dos meus quatro filhos, cujas dificuldades foram descobertas quando tinha cerca de três anos. (TABACHI, 2006, p. 13).

Nesse sentido, podemos pensar em um *gozo*, no qual Lacan propõe uma articulação justamente, entre a *repetição* e o *gozo*. No Seminário 17, o autor formula essa articulação teórica da seguinte forma:

A repetição, o que é? Leiamos o texto de Freud, e vamos ver o que ele articula. É o gozo, termo designado em sentido próprio, que necessita da repetição. Na medida em que há busca do gozo como repetição que se produz, o que está em jogo no franqueamento freudiano – o que nos interessa como repetição, e se inscreve em uma dialética do gozo, é propriamente aquilo que se dirige contra a vida. É no nível da repetição que Freud se vê de algum modo obrigado, pela própria estrutura do discurso, a articular o instinto de morte. (LACAN, 1992, p. 47).

Freud não se utilizou do termo *gozo* em sua teoria, pois sua concepção sobre o funcionamento psíquico está relacionada ao dualismo prazer/desprazer. O que se poderia aproximar da noção de *gozo* da teoria lacaniana é o termo freudiano *Gennus*, traduzido por “gozo”. O termo que significaria um alívio de tensão, a volta ao repouso, seria *Lust*, que equivale ao “prazer”; e, opostamente, teríamos *Unlust*, que equivaleria ao “desprazer”. Lacan aborda a questão do *gozo* como algo contrário a esse alívio de tensão, o *gozo* envereda-se para o outro extremo, o aumento de tensão. Consequentemente, podemos constatar que o termo *gozo*, conceituado na teoria Lacaniana, já nos tempos de Freud havia sido nomeado como *Gennus*, ou seja, aquilo que vai além do prazer. Desse modo, revela-se a existência de algo que está para além do *princípio do prazer* no aparelho psíquico.

Lacan diz que o *gozo* se instaura sem limites, em busca de uma satisfação plena, sendo assim, o sujeito não conseguiria jamais reduzir a tensão; aliás, contraditoriamente, só provocaria o aumento de tensão, pois seu objetivo seria ir além desse prazer. Seria uma busca de prazer num desprazer. Até o *Seminário 20*, a principal definição de *gozo* não estava relacionada à questão do prazer e, sim, se referia à concepção jurídica do termo, que estaria relacionada ao usufruto, como lemos em Lacan:

[...] usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas não devemos enxovalhá-los. Quando ganhamos o usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito - repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo. (LACAN, 1972-1973, p. 11).

De forma geral, quando se fala em *gozo*, toma-se a palavra como sinônimo de prazer, e Lacan se opõe justamente a esse conceito, pois considera essa noção próxima ao excesso insuportável de prazer, àquilo que gera um aumento de tensão. No *Seminário 20*, Lacan (2008, p. 11) levanta a questão: “O que é o Gozo? Aqui reduz a uma instância negativa. Aquilo que não serve pra nada. Apontando ainda o campo do direito – ao – gozo. O direito não é dever. Nada força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo - Goza.”.

No intuito de pensar essa articulação com o *superego* gozante, teríamos que nos posicionar diante da seguinte possibilidade: a *lei* e o *desejo* estariam situados no mesmo campo e, sendo assim, o *superego* estaria mais próximo ao *gozo* que, primordialmente, à *lei*. A partir dessa mistura entre *lei* e *desejo*, o *superego* pode aparecer como aquele que se envereda em direção ao *gozo*, levando o sujeito a gozar com aquilo que, pela *lei*, seria proibido. Podemos pensar que o *superego* ordena e o sujeito obedece e pode, assim, ser orientado pelo gozo desse Outro até as últimas instâncias é aqui que Lacan situa o *gozo*.

Esse *gozo* proibido perante a *lei*, torna-se o *gozo* que se perde, que é separado do corpo, o mais-de-gozar se desloca para o campo do Outro, em que passa a circular. Nesse campo, o sujeito busca recuperar a parte perdida do corpo. O *objeto a*, objeto perdido¹², articulado à perda originária de *gozo*, se apresenta em sua dupla função, por um lado, decorrente da perda que causa o desejo do sujeito; e, por outro lado, o *mais-de-gozar* que estaria em substituição ao objeto sexual. O objeto, na articulação com o *gozo*, está em função de objeto de *gozo*, e não no lugar de objeto perdido, o *objeto a*, aquele que estaria no lugar faltante. Nesse momento, consideramos que o *objeto a* seria qualquer objeto utilizado como forma de *gozar*. O sujeito estaria sempre em busca desse objeto perdido, porém é levado ao fracasso, pois o objeto “real” nunca será encontrado, o que acontecem são substituições para esse objeto.

Quando o sujeito abandona esse gozo primeiro, coloca-se em movimento, permite-se desejar outras coisas. No movimento instaurado de busca por prazer, o sujeito se situa, justamente, em relação à *repetição*, noção citada anteriormente como a constante busca pelo objeto perdido que não pôde ser esquecido. Parece-me que nesse sentido que a função materna

¹² Não podemos relacioná-lo com um objeto que algum dia esteve presente e que, por algum motivo, se perdeu, mas sim com um objeto que nunca se fez presente e, justamente por isso, se torna objeto causa de desejo

não se anuncia. Teria ela excedido o tempo de abandono de *gozo* inicial, que nomeio nesse momento de *gozo necessário* para constituição do sujeito. Assim, questionamo-nos: a mãe se permite desejar de forma diferente somente a partir da escrita do livro?

Lacan, em seus estudos acerca do conceito de *gozo*, situa-o em muitas categorias, das quais gostaríamos de selecionar apenas três: o *gozo fálico*, o *mais gozar* e o *gozo do Outro*. O *gozo fálico* estaria atrelado ao falo que controla o *gozo* desprendido, a descarga do *gozo*, e pode ser relacionado à energia dissipada nessa descarga, que é parcial, pois o que regula esse *gozo* é aquilo que Freud designou *recalcamento*, que faz com que o movimento não seja completo. O recalque surgiria, justamente, para impedir a transposição da barreira do inconsciente, gerando algo da ordem do *desprazer*; na prática, a barreira do recalque está a serviço das pulsões, impondo limites a elas. Lacan, no *Seminário 20* (1985, p. 16), diz que “O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal”.

Seria nesse lugar fálico que o filho autista estaria colocado? A mãe estaria faltante em sua função? Seria a escrita de um livro a maneira pela qual a mãe encontrou para falar de forma gozante? Os seres falantes se definem pelos significantes e buscam encontrar uma nova relação com o objeto, uma nova relação com o significante, um novo significante, ou mesmo a produção de um significante novo como suplência. Eis que surge, aí, um gozo fálico, aquele que vai além do objeto sexual de desejo. O filho autista estaria nessa categoria de gozo fálico?

No livro, a mãe relata o momento de sua gravidez, e, na fala que veremos a seguir, podemos constatar o quanto esse filho já ocupa o lugar de objeto de *gozo* para essa mãe. O desprazer de ter uma gravidez de risco é descrito no livro como algo que foi feito da melhor forma, incluindo o nascimento do primogênito.

SD22: Engravidei um ano depois do casamento, mas não me sentia preparada para maternidade. A gravidez me deixou um pouco confusa, com uma mistura de sensações. Além da incerteza, convivia com uma gravidez de risco. A qualquer sinal de sangramento, que pudesse levar a uma possível perda do bebê, ficava em repouso absoluto. Foi um tempo de sustos. A passagem de cada mês era contada com ansiedade, até que, no dia 25 de Abril de 1981, na Casa de Saúde São José, no Humaitá, nasce Ricardo: o herói desta história! (TABACHI, 2006, p.18).

Não podemos ignorar o fato de que toda gravidez de risco alimenta na mãe fantasias em relação à perda. Porém, nesse sentido, podemos considerar que aí a função materna falha, ela se prende a um *gozo a mais*, além do *necessário*, na tentativa de garantir a constituição do filho enquanto sujeito, impossibilitando uma relação com o Outro, não instituindo o filho numa cadeia de significantes.

Lacan ressalta que o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que é impossível um encaixe absoluto, e que vai sustentar o discurso do analista, com o objetivo de trazer o desejo para cena. O discurso psicanalítico é justamente aquele que não considera a possibilidade de perfeição. Lacan (2008, p, 16) diz: “... Este é nomeado, o ponto que cobre a impossibilidade da relação sexual como tal. O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal.”. Seria esse o *gozo* da mãe escritora? O próprio livro seria um objeto fálico junto ao filho também colocado nesse lugar? Um *gozo* situado onde esse Outro não tem espaço, onde cabe apenas o significante fálico.

Ainda pensando nas categorias de *gozo*, Lacan propõe o *mais-de-gozar*, que seria, especificamente, o gozar com o que permanece no aparelho psíquico, o que não pode ultrapassar a barreira do recalque no *gozo fálico*. Um *gozo* “residual”, o “mais” serve pra nomear o excesso de pulsão que ficou retido e, por isso, leva ao aumento da tensão interna, que está diretamente ligada às zonas erógenas. No intuito de concluir a explanação acerca das categorias em que o *gozo* está incluído, falaremos do *gozo do Outro*, esse gozo ideal, uma situação/objeto em que a tensão pudesse ser totalmente descarregada. No *gozo do Outro* não haveria um limite de recalque, o sujeito investe no Outro esse suposto *gozo* ideal.

Com base em todos esses conceitos de *prazer/desprazer/além do princípio de prazer e gozo*, podemos levantar várias hipóteses referentes ao discurso da mãe que tem um filho autista, contido em um livro.

Independente da categoria de *gozo*, a qual a escritora está endereçada, nossa proposta é pensar o *gozo* como uma parte da autorização materna, um gozo que dá possibilidades para um discurso materno. Todavia esse *gozo*, que em determinado momento não serve pra nada, deveria sair de cena, para que a função materna, que é a de inserir o *infans* na cadeia de significantes, na linguagem, fosse desenvolvida de forma favorável. O *gozo* poderia ser concebido como algo que precisa existir até determinado momento para garantir a constituição desse sujeito, mas posteriormente deveria ser substituído pelo desejo materno. Em outras palavras, a mãe precisaria deixar de gozar com o filho objeto, para o sujeito se constituir. Ou seja: talvez a mãe não tenha dado oportunidade de seu filho se constituir enquanto sujeito, antes da escrita do livro.

O desejo se opõe ao gozo, mobilizado pela pulsão que é sempre de morte como nos diz Lacan (1990, p.168). O gozo que se busca, afinal, é sempre o gozo de ser, que se perde quando se entra no mundo da linguagem e que encontra seu limite na demanda e no desejo. O desejo faz limite ao gozo, pois diferente deste, o desejo pressupõe o Outro, o desejo é o desejo

do desejo do Outro. O gozo enquanto gozo de ser, nega o Outro, pois busca a negação da falta-a-ser (LACAN, 1999, p. 476).

Nesse sentido foi que pensamos o lugar da mãe que escreve o livro, pois com o *gozo* tão evidente na escrita do livro, poderia estar nesse limite, o desejo. O desejo que possibilitaria o filho se constituir enquanto sujeito. São apenas hipóteses, diante de um filho que se constitui autista, embora seja com desenvolvimento razoável. Sendo assim o que podemos afirmar é que o *gozar* com esse filho, existe com certeza, porém o *desejo*, não podemos afirmar da mesma forma. O que podemos dizer é que minimamente esse sujeito vai se desenvolvendo.

No livro, ela relata que aprendeu, mais tarde, a importância de estar presente desempenhando a função para esse filho, que podemos perceber quando a mãe menciona sobre “conquistar” o filho, conforme a SD a seguir:

SD23: A mãe deve conquistar o filho em seus primeiros anos de vida mais com coração do que com ensinamentos. O tempo que passa com a criança deve ser de interação puramente emocional. Aprendi esta verdade a duras penas, movida pela determinação de mudar a história de vida de meu filho. (TABACHI, 2006, p.21).

Lacan (1985, p. 61) fala, em relação ao aparelhamento do gozo “... se é que podemos convir que, aparelho, não há outro senão a linguagem. É assim que, no ser falante, o gozo é aparelhado.”. Sobre esse gozo aparelhado pela linguagem é que podemos pensar a questão do discurso materno. Quando a mãe oportuniza ao filho e a ela mesma uma possibilidade de falar enquanto mãe, parece que aí o *gozo* fálico se configurou em um gozo que precisa ser deixado pra trás, possibilitando uma mãe para um filho, da mesma forma que o filho pode significar para uma mãe.

No livro, a mãe relata o quanto foi importante entender o que seria ser mãe, a partir da experiência vivida na função materna para o filho, e o quanto essa experiência com o filho possibilitou ser mãe dos outros três filhos.

SD24: Portanto, se errei no início da vida familiar foi por falta de conhecimento. Ricardo nasceu de mim, como os outros três filhos. Se foi vítima de minha inexperiência, foi também inconscientemente, meu professor. Ensinou-me que a função de mãe é bem maior do que a de gerar uma criança. Um filho precisa do cheiro, do suor e até, se necessário, do sangue da mãe. Uma sucessão de sensações que transcende ao período da amamentação. (TABACHI, 2006, p. 21-22).

A criança só tem possibilidade de identificar sua posição através da linguagem, seja ela dita ou não. É pela linguagem que os furos podem aparecer, a linguagem passa a ser análoga

ao inconsciente de Freud, aquele que não permite contradição. Com a linguagem, o sujeito entra no mundo social, mesmo que na sua essência ainda produza apenas um efeito de linguagem. É pela linguagem que o sujeito tem a possibilidade de simbolizar o *gozo*, e se falha essa simbolização, o *gozo* permanece sendo o *Gozo da Coisa*.

Frente a essas considerações, levantamos mais uma hipótese para o presente estudo: o filho autista da mãe e autora do livro, não teria passado pela simbolização necessária e continuaria atendendo a demanda de Coisa para a Mãe? Aparentemente, mesmo que de forma tardia, a mãe faz uma tentativa de simbolização, a linguagem verbal passa a ser introduzida no filho, possibilitando o surgimento de um filho na mesma proporção que uma mãe começa a se introduzir na sua função. Jean Michel- Vivés, em seu texto *Voz na Psicanálise*, nos diz que a criança é fisgada pela voz materna e capta a noção da linguagem. Isto, porque há um jogo de *gozo* na relação com a voz da mãe, na qual a linguagem é absorvida ao mesmo tempo em que a voz é incorporada. A voz é uma espécie de anzol que a criança engole e fisga, mantendo-a ao lado da linguagem.

SD25: Ricardo, que até os três anos de idade não falava uma só palavra, já tinha quase cinco anos e ainda não se expressava verbalmente nem se comunicava com ninguém. Procuramos então a fonoaudióloga Elizabete Padovani Alves, que passou a atendê-lo duas ou três vezes por semana. Ela se mostrou uma pessoa especial, muito sensível, uma das dedicadas profissionais que o tiraram do isolamento de seu mundo particular. Tornou-se amiga da família e até hoje trabalha com ele, extrapolando os exercícios da voz. (TABACHI, 2006, p.31).

Com essa passagem do livro, que se dá logo em seu início, a escritora nos deixa indícios de que antes mesmo de ela se desenvolver na função de colocar seu filho no registro simbólico, uma profissional introduz seu filho no campo da linguagem, conforme relatado por ela mesma: “o tiraram do isolamento de seu mundo particular”.

O registro do simbólico é o lugar fundamental da linguagem. É a relação do sujeito e o grande Outro. No sujeito envolve aspectos conscientes e inconscientes. Isto significa que a maneira que o inconsciente se manifesta e se dá através da linguagem. Lacan (1998) descreve a linguagem como o simbólico, já que é por meio dela que o sistema de representações, baseado em significantes, determinam o sujeito à sua revelia. É por meio desse sistema simbólico que o sujeito refere-se a si mesmo ao usar a linguagem, pois é através da linguagem que o sujeito organiza seu psiquismo.

Com todas essas hipóteses de possibilidade de gozo, por parte da mãe e escritora, ainda, o título *Mãe me ensina a conversar*, nos remete ao quanto essa mãe foi faltante em sua função materna, não tendo condições de colocar seu filho numa cadeia possível de significantes,

não possibilitando a ele se inscrever na linguagem. Podemos considerar que *me ensina a conversar*, é um dos pedidos mais difíceis que um filho pode fazer a uma mãe, pois: o entrar na linguagem precisaria ser algo natural e inconsciente, o que ela poderá ensinar posteriormente a essa fase, só poderá ser um processo mecânico.

O apelo direcionado à mãe, que está no título do livro, revela justamente a dificuldade do filho, em entrar na linguagem, em articular a fala. A suposta queixa do filho fica em torno de saber o que responder e de que forma poderia fazer diferente, do modo mecânico ao qual foi introduzido. O filho escreve a língua portuguesa corretamente, pois sua alfabetização foi um sucesso, porém as frases se apresentam de maneira desconexa, pois o mesmo já estava na adolescência e não conseguia desenvolver diálogos desejados para fase a qual se encontrava. Como veremos, a seguir, no trecho de uma carta endereçada à mãe.

SD26: Eu gosto de você como amiga. Você é legal. Você é bonita. Você é linda. Você é charmosa. Eu gosto de sair com você. Eu amo você amiga. Eu gosto de lancha com você. Eu gosto de almoçar com você e tomar café com você. Beijos de seu filho Ricardo. (TABACHI, 2006, p.75).

O filho havia, mecanicamente, aprendido a se comunicar. E sempre que questionado pela fala sem sentido, na qual as pessoas dificilmente entendem o que ele quer dizer, faz um pedido para que a mãe o ensine a conversar.

Contudo, nesse momento, podemos identificar a importância de um “gozo necessário”, pois no livro percebemos que a mãe que escreve, se inscreve como alguém que passa a desejar algo para seu filho, a partir de um pedido dele. A escrita do livro permite que a mãe, por meio de um gozo, passe a “desejar” o filho, querendo que ele se desenvolva.

SD27: Embora seu português seja perfeito, ainda falta sequência na conversa e o diálogo não vai muito à frente. Às vezes, eu digo: “Que papo é este? Fale coisas que as pessoas entendam, e preste atenção ao que está dizendo!” E sua resposta é sempre a mesma: “Me ensina a conversar?”. (TABACHI, 2006, p.77).

Nesse trecho do livro, podemos verificar, o quanto o introduzir o sujeito na linguagem não é um processo mecânico, mas submetido a algumas trocas simbólicas da linguagem como constituinte e mediadora da condição humana. A mãe faz um esforço posterior ao entender que algo saiu em desconformidade. Contrata os melhores profissionais, se introduz na posição de mãe, porém o desenvolvimento do filho só acontece a partir das possibilidades posteriores ao desenvolvimento da função materna. O filho torna-se possível para a mãe.

Mesmo que o *gozo necessário* tenha sido substituído de forma tardia, é essa a mãe que o filho pode ter.

O discurso da mãe precisa advir, para assim advir um sujeito, um sujeito constituído no inconsciente, um sujeito que possa se inscrever no simbólico. O pedido por aprender a conversar, passa por esse entrave, no qual o autista não teve a possibilidade de entrar no registro simbólico, na linguagem. Esse pedido de um filho para uma mãe pode denunciar que houve falha no registro simbólico, a linguagem não pode se inscrever simbolicamente para esse sujeito, sendo assim, o discurso só se sustenta no registro do real, com um jogo de palavras que podem ser expressadas e entendidas ao “pé da letra”.

Lacan, em seus Escritos, no texto *Função e campo da fala e da linguagem*, diz:

A ausência de fala manifesta-se nela pelas estereotípias de um discurso em que o sujeito, pode-se dizer, é mais falado do que fala: ali reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas, que, ao lado das formas embalsamadas com que se apresentam os mitos em nossas coletâneas, encontram seu lugar numa história natural desses símbolos. Mas é um erro dizer que o sujeito assume: a resistência a seu reconhecimento não é menor do que nas neuroses, quando o sujeito é induzido a ela por tentativa de tratamento. (LACAN, 1998, p.280).

Mesmo que nessa passagem Lacan possa estar se referindo a uma etapa do tratamento analítico, podemos identificar o filho da escritora do livro nesse momento, quando a sua fala não aparece, ou aparece apenas na fala da mãe. Seja num momento analítico ou na constituição do sujeito, a linguagem precisa advir, pois só assim o sujeito terá condições de entrar numa cadeia de significantes.

Lacan, desde início de seus estudos, traz a linguagem como primordial ao sujeito, ou, melhor dizendo, ela já deve preexistir antes do nascimento de um sujeito. O sujeito se inscreve e é inscrito no discurso, pela linguagem.

No livro, objeto de nosso estudo, uma das profissionais que trabalhou com o autista, personagem da história, aliás, sua psicanalista, relata a dificuldade que encontrou no início do tratamento, visto que ele não estava inserido no campo simbólico da linguagem.

SD28: Logo percebi que o trabalho com ele passaria longe de uma psicanálise nos moldes tradicionais. Foi e tem sido um trabalho criativo no qual tive que lançar mão de inúmeros recursos para acessar Ricardo, interagir com ele e ajudá-lo. No começo, eram sons – “Hummmmm...” – repetições, autoflagelação, medos, insegurança etc. Hoje, Ricardo consegue utilizar sua linguagem, claramente, para expressar suas inquietações, angústias, dúvidas e prazeres. (TABACHI, 2006, p. 11).

Mesmo que na passagem acima a psicanalista esteja falando em linguagem e se referindo ao falar, podemos demarcar aí, a importância da simbolização dos sentimentos de seu paciente.

A mãe retratada no livro que, falha como efeito simbólico para o filho? E mesmo assim, tempos depois, autoriza-se à escrita de um livro? Na obra, ela discorre sobre o autismo e, mais que isso, mostra o quanto é guerreira e merecedora de todo o sucesso no bom desenvolvimento do filho. As sessões da obra mostram para a sociedade o quanto seu filho, autista, diagnosticado aos três anos de idade, venceu muitas barreiras e está incluído numa sociedade. E, em nossa hipótese, o livro foi um divisor de águas para a sujeito.

O *gozo*, antes exclusivamente do filho, pode ser substituído pelo *gozo* do livro. No momento em que a autora inaugura a escrita, ela consegue transferir o *gozo*, de um objeto para outro. Sendo assim, pôde dar possibilidades para seu filho entrar numa cadeia simbólica de significantes, proporcionando a ele, mesmo que de forma precária, o direito à linguagem.

A partir desse momento, que chamaremos de narcísico, podemos desenvolver questões sobre o narcisismo trabalhado por Freud, sendo que é pelo narcisismo que conforme o autor, o sujeito assume a imagem do corpo como sendo sua ao mesmo tempo em que se identifica com ela. Assim, indagamo-nos: como não há o deslocamento do narcisismo da mãe para o filho, ela retoma o seu narcisismo primário para uma autossatisfação? Colocamos isso diante da hipótese de que ao nascer uma criança, os pais projetam em seu filhos, algo de seu narcisismo primário, algo que não foi permitido para si, mas com a chegada de um filho, haveria uma possibilidade de deslocamento. Estamos pensando que a escrita desse livro, assim, também pode passar por esse discurso narcísico da mãe.

Um livro lançado no Rio de Janeiro, vendido e seguido por outras mães de autistas, que colocou a mãe escritora num *status* de mãe vencedora, dedicada e capaz de inserir seu filho na sociedade, faz circular um discurso de empoderamento, heroísmo, o que, automaticamente pode ser identificado pelos leitores. A mãe escritora levanta questões em relação ao ser mãe de autista. Traz para outras mães o sentido de que ser bem sucedida ou fracassada, boa mãe ou uma mãe ruim, vai depender da forma em que essas mães se portarão diante dos filhos autistas.

Da mesma forma que podemos pensar na hipótese de um “Gozo Necessário”, podemos considerar que também foi necessário retomar o *Narcisismo primário*, para que assim a mãe pudesse desenvolver a sua função materna? E a partir daí surge, então, a hipótese central desse estudo: a mãe se autoriza a ser mãe a partir da escrita de um livro, contando sua história diante da história de seu filho?

Sabemos que a maternidade inaugura uma nova fase para a mulher. Lidar com a realidade de ter um filho põe a mulher num ciclo de mudanças, considerando a realidade anterior ao ser mãe. Fantasias, sentimentos, expectativas, que são aceitas como dentro de uma normalidade. Além dos papéis desenvolvidos para a sociedade, de mulher e filha, agora há mais uma posição, que é a de ser mãe. E a escritora, nesse caso, ocupa essa posição, ao ser mãe de um autista.

Freud (1914), quando escreveu sobre o narcisismo, contribuiu muito para o entendimento da maternidade e paternidade. Em seu texto “*Sobre o narcisismo: uma introdução*”, ele atribuiu uma característica narcísica, ao amor e às demonstrações de afeto, entre pais e filhos. De acordo com Freud, o narcisismo primário dos pais, já ultrapassado, pode ser revivido e reproduzido, por gestos de amor depositados em seus filhos. À criança é dada a oportunidade de realizar os sonhos dos pais, que não foram realizados, por falta de alguns privilégios, os quais no desenvolver das funções maternas e paternas, serão proporcionadas aos filhos.

Freud pontua que o narcisismo seria o momento organizador das pulsões parciais, permitindo a passagem do autoerotismo para o investimento libidinal de um objeto exterior.

Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi obrigado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram- o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior. (FREUD, 1914 [2006], p. 98).

Os pais, quando se deparam com o nascimento do filho, entram nesse engodo de proporcionar a ele tudo o que, por algum motivo, não lhe foi proporcionado. No caso retratado no livro não foi diferente. A mãe fala do quanto o casamento pode proporcionar para ela e para seus filhos oportunidades que antes não lhe foram oferecidas.

SD29: Com o casamento, passei a ter conforto. Não precisava cuidar de todo serviço doméstico, como minha mãe. Podia contratar uma enfermeira para cuidar do meu filho, assim

como podia contratar uma empregada para cuidar da casa. Só não podia comprar experiência. Acho que foi esta a minha grande dificuldade naquela situação. (TABACHI, 2006, p. 19).

Na passagem acima, podemos verificar o quanto o filho poderia se beneficiar de todo conforto que a mãe o estava oferecendo. Os pais se esforçaram para que seu filho pudesse ter tudo o que julgavam necessário.

Não podemos excluir a possibilidade de uma insatisfação inicial, ao ter o diagnóstico de autismo para um filho e o quanto o processo de adaptação pode ter sido doloroso.

SD30: Acostumei-me aos poucos com o problema e me conscientizei da necessidade de lutar pela melhora de Ricardo. Conscientizei-me também de que a luta seria longa e muitas vezes penosa- e aprendi a não desanimar diante dos obstáculos. (TABACHI, 2006, p. 13).

Passada a fase de adaptação em relação ao diagnóstico, a mãe resgata seu narcisismo primário e considera viável dar ao filho, tudo o que ela não teria condições de ter, se a mãe em questão, fosse a sua mãe. Os pais do personagem da história tinham condições financeiras para proporcionar tudo aquilo que o filho necessitasse e que colaborasse para o seu desenvolvimento. Em vários momentos no livro, a mãe agradece a todos os envolvidos no processo de desenvolvimento do filho.

SD31: A trajetória relatada neste livro não teria sido possível sem o apoio, que agradeço, de vários profissionais ao longo de duas décadas, entre eles Dinah Yalom (psicanalista), Elizabete Padovani Alves (fonoaudióloga), Gilberto Ribeiro Ruliere (professor), Heros Vital Brazil (professor), Lenita Pereira Silveira (fisioterapeuta), Lucimar de Paula (técnica de natação), Vera Regina Xavier de Brito (professora) e a Dra. Silvia Bento de Mello Miranda (neuropediatra). (TABACHI, 2006, p. 10).

O discurso apresentado no livro nos remete ao discurso narcísico, de autossatisfação, um discurso que proporciona à escritora, viver tudo o que antes não lhe fora proporcionado. O discurso gera a sensação de que ela se realiza enquanto sujeito, a partir do que ela pode proporcionar para o filho, marcando aí a presença de um gozo.

SD32: A “construção” de Ricardo tem sido um processo longo e contínuo. Um processo que mantém em andamento graças à tenacidade da família e de profissionais gabaritado. O que posso dizer com toda certeza é que se meu filho tivesse deixado sem estímulo, os avanços não teriam acontecido. (TABACHI, 2006, p. 79).

Quando falamos em discurso narcisista, estamos pensando nessa autossuficiência que a escritora desenha em seu livro, quando busca gerar uma impressão de que ela é a melhor

mãe de um autista, ao falar de sua trajetória com o filho e contar suas vitórias em relação ao tratamento dele.

A SD que veremos abaixo já foi utilizada no capítulo anterior como uma proposta de análise diferente da que está sendo proposta nesse momento. Nessa análise, a mãe, que se apresenta no livro, se perde em estabelecer laços necessários com o filho, assim o que ela introduz em seu filho, aparece como um excesso.

SD33: Este livro mostra como a esperança nos permitiu chegar tão longe com Ricardo, e tem o objetivo de servir de estímulo e alento para quem enfrenta problemas similares. É também a minha história, a história de uma mulher que lutou e chegou lá- ou quase chegou lá, porque quem é mãe sabe que o fim de uma etapa significa sempre o começo de outra nova etapa. (TABACHI, 2006, p. 15).

Voltando à questão do *gozo*, é necessário um *gozo* inicial para que o filho possa se desenvolver enquanto sujeito, a criança precisa ser erotizada por essa mãe. Porém, em nosso objeto de análise, a mãe, não conseguiu deixar esse *gozo* inicial sair de cena no momento ideal. O que queremos dizer é que: um *gozo* se faz necessário, porém não pode ser um eterno gozar com um objeto. A mãe, em sua função materna, precisa *gozar* com seu bebezinho, afinal, é assim que vai se perceber mãe, porém logo deve abandonar esse *gozo*, para permitir ao bebê seu desenvolvimento enquanto sujeito. A mãe escritora do livro não se desprende desse *gozo*.

Diante desse discurso narcísico, a mãe inaugura uma nova forma de *gozar* com um objeto, porém o *gozo* fica endereçado ao livro. E é justamente nesse momento que a escritora, surge como mãe. O *gozo* com o filho enquanto objeto fálico pode ter sido transferido para o *gozo* com o livro como objeto fálico. E eis que, nesse momento, mesmo que precariamente, se inscreve uma mãe. Em contrapartida, podemos perceber que, com a escrita do livro, a mãe pôde se colocar no lugar de uma mãe possível, uma mãe com possibilidades de sucesso diante do desenvolvimento do filho autista, uma mãe que se autoriza a ser mãe, diante de tantas outras que terão acesso ao livro, uma mãe que, ao escrever o livro, tem possibilidades de se ver numa posição sujeito mãe, a partir de sua função materna registrada no livro e, a partir disso, assume um discurso materno de mãe provedora de um filho que se desenvolve.

6 POSIÇÃO MATERNA: EFEITOS ENTRE O GOZO E A AUTORIA

A função materna é de extrema importância para a inserção do sujeito na cadeia de significantes, inserção esta que proporcionará a ele a possibilidade de se constituir enquanto sujeito. O bebê, quando nasce, devido ao seu estado de dependência precisa do Outro¹³ para lhe dar um lugar de existência e, para isso, é necessário a linguagem. A constituição do sujeito vai acontecer em função desse Outro, que preencherá suas necessidades e irá lhe fornecer elementos que estabeleçam um lugar a partir do qual o bebê será capaz de iniciar seu reconhecimento e sua estruturação subjetiva.

Essa dependência do Outro para a sobrevivência vai caracterizar a necessidade de uma função materna. Mais que atender às necessidades de sobrevivência, o Outro, nessa função, fica encarregado de inscrever um sujeito nesse bebê. Logo, é a função materna que inscreve o bebê na subjetividade. Quem exerce tal função é, justamente, aquele que se torna um Outro primordial para o bebê. Conforme Ramalho:

O bebê começa a existir bem antes de ser concebido como significante, na linguagem, quando é falado. Por exemplo: O desejo dos pais em terem um filho, na escolha do nome, etc. O seu corpo (da ordem do Real) é, portanto o receptáculo do discurso dos pais é o lugar de inscrição. A sua expressão corporal encontra-se assujeitada ao Outro e a quem o gesto é dado a ver, assujeitada a seu olhar, assim como a palavra ao ouvido do auditor, e engajada no mesmo semblante e na mesma busca de ser compreendido, notado, amado. (RAMALHO, 1989, p. 68).

Segundo Lacan, o lugar destinado pelos pais ao futuro do bebê está intimamente ligado à maternidade, podendo ser observado a partir da escolha do nome, das fantasias dos pais, do discurso produzido por eles em torno do bebê. O processo de constituição subjetiva permitirá que o bebê se torne sujeito e seja reconhecido como tal, assim, o discurso sustentado pela mãe é de fundamental importância, tanto para a constituição do psiquismo, quanto para o desenvolvimento funcional da criança. Winnicott (1983) nos diz que a função materna é necessária, antes mesmo do nascimento do bebê, e se manifesta por meio do desejo dos pais em ter o filho. O contexto do lar, onde a criança vai ser gerada, é importante, a harmonia ou desarmonia e a forma de convivência dos pais podem ser fatores de influência quanto às possibilidades de exercício da função materna.

¹³ Lacan distinguiu e grafou distintamente o pequeno e o grande Outro; o pequeno outro (a) é o igual, o semelhante da espécie humana, e o grande Outro é do campo simbólico, da linguagem, que foi grafado com letra maiúscula e com barra (Å).

No livro *Mãe me ensina a conversar: Vencendo o Autismo com Amor*, a escritora tece um discurso inicial que denuncia certa falta de desenvolvimento da função materna. A gravidez acontece um ano após o seu casamento e ela revela não estar preparada para a maternidade, relatando, ainda, que a gravidez a deixou confusa, como podemos ler abaixo:

SD34: O nascimento do nosso primogênito foi um momento de alegria e alívio. A expectativa da espera, cheia de incertezas, acabara... Foi um parto normal, sem dor. Percebi de imediato, a nova situação da minha vida e constatei que não estava preparada para começá-la... Pensava "Imagine! Eu, com um filho nos braços!..." Pensamento fugidio, pois do mesmo jeito que chegou foi embora. Ficou e cresceu o sentimento materno. Tudo tornou-se mais claro: a criança era perfeita e eu estava ali com um filho! Demorou um pouco para me sentir inteira de novo. (TABACHI, 2006, p. 18).

Não podemos deixar de lembrar que essas fantasias de não estar preparada, de não ser uma mãe suficientemente boa, fazem parte das falas de muitas mães. Apesar dessas fantasias, há o desejo de instituir um filho. Nossa hipótese agora fica em torno de que algo falhou na instituição desse sujeito e, nesse sentido, o discurso materno pode não ter sido inscrito e a mãe não conseguiu se colocar na posição sujeito mãe, no momento crucial para o desenvolvimento dessa função, o que ela tenta recuperar ou reparar na escrita do livro, no desenvolvimento de uma função-autor.

A mãe aponta, ainda, o quanto o nascimento do filho a fez "não se sentir inteira" e que demorou tempos pra se sentir inteira novamente. Estaria a mãe denunciando uma angústia de castração? Se sim, o nascimento do filho representaria essa falta de objeto. Imaginariamente, o bebê nascendo provocaria uma falta em relação ao seu nascimento, o qual a mãe entenderia como uma perda de objeto e, posteriormente, ela resgataria esse objeto fálico (o filho) novamente para si, gerando a sensação de se sentir inteira novamente.

A castração significa uma falta em consequência de uma perda primordial, em que a partir dessa falta o sujeito passa repetitivamente a desejar. No seminário 10 (1962), Lacan afirma que a angústia é a falta da falta, pois sem a falta o sujeito não consegue vir a ser. Dessa forma, se o desejo está sempre relacionado com a falta, o falo assume o status de significante da falta, ao mesmo tempo em que é a causa de desejo no sujeito.

Essa função simbólica de instituir a falta está ligada a função paterna, onde Lacan trabalha o conceito de Nome-do-Pai, atribuindo esse momento à metáfora paterna. A metáfora paterna realiza a substituição do lugar da mãe, pelo pai como um significante, e assim promove a simbolização primordial do lugar da mãe, pela criança. Considerando que a criança já tenha

passado pelo processo de presença e ausência da mãe, no momento da instauração da metáfora paterna a criança pode perceber-se como objeto de desejo de Outros.

O pai precisa fazer a mediação ente a criança e o desejo da mãe, conforme Lacan nos propõe no *Seminário 5*.

A simbolização primordial depende da mãe inscrita na ordem simbólica e do falo instaurado como objeto do seu desejo. Pela identificação a esse objeto a criança terá acesso ao falo. Como exceção à ordem simbólica, o pai faz a mediação entre a criança e o desejo da mãe, e funda a posição privilegiada do falo no registro imaginário como significado das idas e vindas da mãe. Ao interpretar o desejo marcado pela castração – o filho não é o falo, mas seu substituto –, o pai priva a mãe de usá-lo como tal. Com isso, permite à criança atingir o "para além" que o desejo da mãe comporta. Como metáfora do falo que a mãe não tem, o Nome-do-Pai libera a criança do capricho e das significações imaginárias induzidas tanto pelo desejo da mãe quanto pela posição narcísica que a criança aí ocupa por identificação (LACAN, 1957-58 [1999], p.190).

O pai em sua função faz com que a criança possa perceber que não é uma extensão do corpo da mãe, em outras palavras, o pai precisa “anular” a unidade da mãe, para que uma lacuna essencial seja criada entre elas. É por essa quebra de unidade que o simbólico é instituído. Sendo que se ninguém, nunca assumir essa função paterna, o terceiro termo, essencial para constituição do sujeito, nunca poderá ser introduzido.

Para que a função materna seja desempenhada de uma forma favorável, necessariamente a função paterna, precisa estar instituída. Nesse sentido, quando retratamos a falha na função materna, na mãe/escritora do livro, estamos indiretamente dizendo que a função paterna também falhou. Talvez o que falta para constituição do sujeito, que se deu autista, seja, a entrada desse terceiro, que precisa marcar sua presença para mostrar para a mãe, que ela deve desejar outros.

Ressaltando a importância do desenvolvimento da função materna e o discurso que atravessa a mãe na constituição do sujeito, a escritora aponta um discurso que revela a falta da presença necessária da mãe para o filho.

SD35: Diante de uma situação nova na vida, como a maternidade, qualquer pessoa fica insegura. Eu ficava mais ainda, porque, totalmente inexperiente e trabalhando fora o dia inteiro, quase não convivia com o meu filho. Hoje sei que faltou a Ricardo a presença

necessária da mãe embalando a criança, dizendo coisas doces com sua voz materna ele se acostumando comigo lhe falando ou ouvindo uma cantiga de ninar. (TABACHI, 2006, p. 19).

Nessa passagem do livro, a mãe fala de uma falta em relação aos cuidados com o filho. Porém, precisamos levar em consideração que esse é um discurso que circula no livro, o qual foi escrito anos depois do diagnóstico de autismo do filho, o que nos faz pensar que essa mãe se permite “desejar” a partir do diagnóstico já estabelecido.

SD36: Para quem está começando uma família agora, eu diria que, antes do nascimento do primeiro filho, a mãe deve preparar-se para o pós parto. Parir é fácil. A medicina tornou mais confortável a sua missão de procriar e de preservar a raça humana. Quem tem recursos, nem risco corre. No máximo, parir ainda pode ser doloroso, mas muito mais difícil é cuidar do pequeno ser que se colocou no mundo. É um vaso de porcelana finíssima, cuja fragilidade comove. Um esbarrão pode ser fatal. (TABACHI, 2006, p. 19).

Diante da teoria psicanalítica, podemos pensar que, nos casos em que a mãe não exerce a função materna, resta uma espécie de lacuna no período inicial da constituição do sujeito, pois não saber nada sobre seu filho causa certo desamparo das funções constituintes. Sendo assim, a mãe não consegue apropriar-se da criança e, dessa forma, não exerce as funções mínimas que uma criança precisa, justificando patologias que afetam o desenvolvimento da criança, dentre as quais podemos destacar o autismo.

Ainda nessa passagem, podemos pensar o lugar que a mãe se coloca diante de sua posição sujeito. Na SD acima, a mãe fala de sua maternidade como sendo algo racional, que nos dias de hoje fica muito fácil preservar a espécie, pois a medicina está muito evoluída nesse sentido. Porém, o que nos parece importante, é entender que o “ser mãe” não se trata de questões biológicas. Ser mãe seria estar numa função materna, assumindo uma posição sujeito mãe, endereçando ao filho uma possibilidade de constituição do sujeito. É justamente isso que ela retrata: o mais difícil é cuidar do filho. Essa denúncia de dificuldade fica explícita a partir do momento em que se refere ao filho como um vaso de porcelana finíssima. A dificuldade foi tamanha que acabou deixando o filho num lugar “intocável”, dificultando a inserção do sujeito no campo simbólico.

Tratar o filho autista dessa forma pode ser algo comum no discurso materno, talvez o diagnóstico do autismo gere essa sensação de fragilidade. Parece-nos que o autista estaria num lugar de objeto delicadíssimo, e que a única possibilidade seria a de cuidá-la com muito zelo, mesmo que, para isso, a função falhe. Dessa forma, entender o autismo pelo viés da psicanálise é possibilitar ao sujeito uma constituição.

Nós tomamos os autistas como sujeitos. Afirmar isso, entretanto não basta. É preciso avançar no sentido de, fazendo uso do dispositivo teórico da psicanálise, construir a lógica do autismo, articular a questão da qual o autismo seria a resposta. Essa construção teórica nos orienta e é uma condição preliminar a todo tratamento possível do autismo. (DRUMMOND, 2012, p. 9).

A mãe, escritora do livro, mesmo que de forma tardia, faz tentativas de colocar o filho no campo simbólico.

Conforme Násio (1995), sem a fala do Outro, as percepções da criança só se cruzam com seu próprio corpo, que se torna, então, um corpo-coisa. A questão da função materna, na psicanálise, é de extrema importância. Quando há uma falha no encontro entre mãe e bebê, por exemplo, quando a mãe não consegue, ou tem dificuldades de estabelecer vínculos, pode haver consequências. A criança precisa que o Outro suponha nela um desejo através do amamentar, do acariciar e, dessa forma, a mãe vai deixando marcas de que existe um sujeito se constituindo no bebê e, ao mesmo tempo, vai permitindo a inserção da criança na linguagem. Fink (1998) propõe que:

Quaisquer que sejam os complexos motivos dos pais, eles funcionam, de uma forma muito direta, como a causa da presença física da criança no mundo. Esses motivos continuam a agir sobre a criança após o seu nascimento, sendo responsáveis, em grande parte, pelo seu advento enquanto um sujeito dentro da linguagem. Nesse sentido, o sujeito é causado pelo desejo do Outro. É possível compreender tal afirmação como uma descrição de alienação em termos do desejo, não apenas em termos de linguagem, embora o desejo e a linguagem sejam somente a urdidura e a trama do mesmo tecido; a linguagem é permeada pelo desejo e o desejo inconcebível sem a linguagem, e feito da própria matéria-prima da linguagem. (FINK, 1998, p.72-73).

A escritora do livro não teria conseguido desenvolver sua função de mãe, no momento primordial para o filho.

Diante da possibilidade de uma posição materna demarcada a partir da escrita de um livro, podemos pensar o quanto o gozo tão evidente na escrita, pôde ser instrumento para a constituição de uma função materna para a escritora do livro.

Lacan (1972 [2008], p. 15), no *Seminário 20*, retrata que tudo gira em torno de um gozo fálico.

Que tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o de que dá testemunho a experiência analítica, e testemunho de que a mulher se define por uma posição que aponte como o *não-todo* no que se refere ao gozo fálico. Vou um pouco mais longe – o gozo fálico é obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do órgão.

Em vários trechos do livro, podemos verificar um usufruto da história do filho, ao mesmo tempo articulando a história de uma mãe que conta o quanto ela pôde vencer diante de um diagnóstico de autismo. Na SD, ela afirma: [...] *É também a minha história, a história de uma mãe que lutou e chegou lá- ou quase chegou lá [...]*.

Podemos pensar que essa passagem evidencia um gozo em contar sua história, e ao mesmo tempo podemos perceber a presença de um discurso narcísico, no qual a mãe, diante de um não desenvolver desejável de seu filho, poderia estar resgatando um narcisismo primário e produzindo para ela mesma uma realização, a qual estaria endereçada ao filho. Veremos, a seguir, o que Freud¹⁴ fala sobre o narcisismo, em seu texto de introdução a este tema.

O narcisismo primário das crianças por nós pressuposto e que forma um dos postulados de nossas teorias da libido é menos fácil de apreender pela observação direta do que confirmar por alguma outra inferência. Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosa para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcísico no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (incidentalmente, a negação da sexualidade nas crianças está relacionada a isso.) Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconhecem como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - “Sua Majestade o Bebê”, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcísico, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio da criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior. (FREUD, 1914 [2006], p. 97-98).

Pensar na presença de um narcisismo primário não seria colocar a mãe numa categoria perversa, e sim, pensar que, diante desse possível narcisismo, a mãe teve a possibilidade de gozar com a história do livro, o que a possibilitou uma posição diferente de uma concepção que: “ter um filho autista, seria estar fadada ao desespero”. Estamos pensando

¹⁴ A escolha da citação, mesmo que longa, deu suporte teórico esclarecedor, de forma geral para as articulações em relação ao narcisismo.

esse narcisismo junto a um gozo, como sendo, talvez, um mecanismo utilizado pela mãe para se manter “viva” diante de um diagnóstico que poderia ser devastador. Freud (1914, p.81), em seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* nos diz que: “O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto [pulsão] de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva”.

Diante desse discurso narcísico, a mãe inaugura uma nova forma de *gozar* com um objeto, porém o *gozo* fica endereçado ao livro. É justamente nesse momento que a autora aparece como mãe. O *gozo* com o filho, feito objeto fálico, transferiu-se para o *gozo* com o livro objeto fálico. E eis que, nesse momento, mesmo que precariamente, se inscreve uma mãe.

Na SD3, a autora diz [...] *Estou expondo minha vida porque aprendi a não fugir do que precisa de solução. Quem foge nunca tem o prazer da vitória* [...]. A partir da exposição de sua vida pessoal, a escritora nos possibilita evidenciar a presença de um gozo em seu discurso, principalmente em relação à forma como retrata sua história no livro. Diante disso, podemos pensar o que Lacan (1972[2008] p, 123) nos diz: “*Onde isso fala, isso goza*”. Diante desse gozo, aparelhado pela linguagem, é que podemos marcar a escritora do livro, alguém que fala de sua história e usa o livro produzido como um objeto de gozo. Para Lacan (1972 [2008], p.18), “O que diz respeito ao ser, ao ser que se colocaria como absoluto, não é jamais senão a fratura, a rachadura, a interrupção da fórmula *ser sexuado*, no que o ser sexuado está interessado no gozo”.

O discurso contido no livro vem sempre marcado por uma satisfação em torno de contar como ela foi eficaz com o filho autista. Na SD5, a mãe fala que: “*A praticidade das ações foi muito mais eficaz que o sentimentalismo. Pouco a pouco, começamos a reverter o quadro*”. Nesse sentido, o gozo fica mais evidente no discurso da mãe com o desenvolver da escrita, sendo marcado pelas habilidades que desenvolveu diante desse filho, para poder usufruir da história de superação frente a um diagnóstico de autismo. No *Seminário 20*, Lacan trata a escrita como sendo distinta do campo dos significantes, na qual estes não teriam relação com os significados.

A escrita não é de modo algum do mesmo registro, da mesma cepa, se vocês me permitem esta expressão, que o significante.

O significante é uma dimensão que foi introduzida pela lingüística. A lingüística, no campo em que se produz a fala, não é algo espontâneo. Um discurso a sustém, que é o discurso científico. Ela introduz na fala uma dissociação graças à qual se funda a distinção do significante e do significado. Ela divisa o que no entanto parece espontâneo. É que, quando falamos, isso significa, isso comporta o significado e,

ainda mais, até certo ponto, isso só se suporta pela função de significação. (LACAN, 1972 [2008], p.35).

É preciso considerar que a escrita da mãe talvez se materializou em um livro, porque foi pela escrita que ela teve a oportunidade de uma nova significação diante do diagnóstico de autismo.

No decorrer da escrita do livro vai ficando mais evidente o gozo em torno do diagnóstico do filho, tanto que, na SD8, a autora fala que *“Só comecei a vencer essa guerra contra a doença de Ricardo porque acreditei que venceria”*. Esse vencer poderia ser o gozar com o diagnóstico do filho? Fazendo usufruto do diagnóstico? Sendo assim, poderíamos pensar na questão que Lacan nos coloca a respeito de um gozo sem limites, que sempre vai em direção a uma satisfação plena, buscando um prazer, mesmo que seja numa situação inicial de desprazer, e que no livro seria o se deparar com o diagnóstico do autismo do filho.

Diante desse diagnóstico, que poderia ser devastador para a mãe, o tomar posse desse resultado a possibilitou conviver com o filho, possibilitando a ela um contato com a realidade, o que podemos verificar a seguir: SD9: *“Fiz tudo pra Ricardo ficar bom. É triste ver pais que não acreditam na cura de um filho, pais que podem pagar bons profissionais e não fazem”*. Essa passagem nos mostra o quanto, de alguma forma, os pais devem estabelecer um contato com um diagnóstico, mesmo que negativo, pois ao mesmo tempo pode estar cheio de possibilidades de desenvolvimento. Realmente a mãe poderia ter escolhido outra forma de lidar com o filho, porém escolhe fazer dessa forma, garantindo o bom desenvolvimento dele.

Ao mesmo tempo em que podemos identificar um gozo, podemos pensar que é justamente aí que a mãe passa a desejar algo diante desse filho, mesmo que seja minimamente uma “cura”, diante desse diagnóstico e frente às possibilidades de desenvolvimento, que o “desejo” pôde se inscrever.

A mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe. Aí estão verdades maciças, mas que nos levarão mais longe graças a quê? Graças à escrita. Ela não fará objeção a esta primeira aproximação, pois é assim que ela mostrará ser uma suplência desse não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse a que será seu filho.[...] e colocou que a condição da escrita é que ela se sustente por um discurso, que tudo escapa, e que, a relação sexual, vocês não poderão jamais escrevê-la – escrevê-la com um verdadeiro escrito, enquanto aquele que, da linguagem, se condiciona por um discurso. (LACAN, 1972 [2008], p. 41).

Podemos pensar que, a partir da escrita do livro, a mãe tem a possibilidade de se inscrever numa cadeia simbólica de sua função. Pela escrita, ela oportuniza a resgatar a falta, ao mesmo tempo em que pode gerar um novo efeito em seu discurso. Uma mãe, antes

desautorizada diante do filho, passa a se desenvolver na função a partir da simbolização de uma falta.

Há um relato de progresso que podemos verificar na SD11[...] *Quanto progresso! Hoje, Ricardo já consegue ler parte da legenda de filmes estrangeiros [...]*. Poder falar do progresso do filho para os leitores do livro permite à mãe fazer uso de seu modo de lidar com o filho autista, ao mesmo tempo em que mostra para sociedade o quanto ela foi vitoriosa diante do desenvolvimento proporcionado ao filho. Nesse sentido, parece-nos claro o quanto o gozar com a infinita busca pelo desejo, pôde proporcionar ao filho uma possibilidade de ter uma mãe, mesmo que tardia na função.

Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor. O encaminhamento que tentaremos continuar das próximas vezes lhes mostrará onde se reencontram o amor e o gozo sexual. (LACAN, 1972 [2008], p.56).

O filho foi capaz de, minimamente, chamar a atenção da mãe para que ela pudesse aparecer numa função, mesmo que de forma tardia e até um pouco desorientada.

Na SD12, a autora relata o quanto precisou aparecer enquanto função materna para, minimamente, garantir ao filho a possibilidade de se instituir enquanto sujeito [...] *Era uma linguagem tão estranha que parecia outro idioma e eu tinha de traduzi-la [...]*. Diante desse relato, podemos verificar a importância da mãe para introduzir o *infans* numa cadeia de significantes, permitindo a instituição desse sujeito. Porém, o filho, personagem do livro, enquanto *infans*, não foi introduzido na cadeia simbólica da linguagem, tendo essa introdução no simbólico, acontecido mais tarde.

A outra satisfação, vocês devem entendê-la, é o que se satisfaz no nível do inconsciente - na medida em que ali algo se diz e não se diz, se é verdade que ele é estruturado como uma linguagem. Retomo com isto aquilo a que me referi há pouco, isto é, o gozo de que depende essa outra satisfação, a que se baseia na linguagem. (LACAN, 1972 [2008], p.57).

No livro, a escritora enfatiza a questão de falar de tudo que pôde ser proporcionado ao filho, desde os profissionais que foram contratados para trabalhar com ele, até a importância de se ter uma família presente, garantindo o bom desenvolvimento do autista, como podemos ver em parte da SD13: [...] *Estimulado ao máximo pelos profissionais que contratamos, melhorara [...]* e na SD15[...] *o carinho da família- tudo isso lhe dera amadurecimento e o deixara pronto para novos desafios [...]* Esse posicionamento da mãe evidencia uma posição narcísica, por estar respondendo a todas as expectativas de ser uma ótima mãe, ao mesmo tempo

em que faz uso desse discurso de gozo. Lacan propõe que: “Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dele sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser o que experimenta- isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece, isso não acontece a elas todas.” (LACAN,1972[2008], p.80). Podemos pensar que é pela escrita, que esse gozo se concretiza. Para essa mãe, o gozar e o desejar o filho passou pela escrita do livro.

Na SD16, a escritora fala de uma realização em relação ao bom desenvolvimento do filho, dizendo que [...] *Quando o vejo satisfeito, preparado para se divertir, sinto vontade de gritar para os pais de filhos em situação semelhante o quanto vale a pena lutar para integrá-los à vida social [...]*. O uso do discurso de mãe vencedora atravessa todo o livro. Será que esse “grito” desejado por ela pode ser materializado na escrita do livro? Seria o lançamento do livro o “grito” para todos os pais que passam situações semelhantes?

A função materna pôde se instituir através de uma posição sujeito autora, interpelada por todas suas relações sociais, relatando para os leitores o quanto é satisfatório vencer diante do desenvolvimento do filho, como podemos ver na SD17: [...] *Sei que sem minha coragem nada aconteceria [...]*. Mais uma vez, a mãe manifesta uma potência narcísica articulada a um discurso gozante, como relatado na SD19: [...] *Por isso eu digo e repito, a quem tem filhos como o meu ou com outros problemas: vamos olhar de frente quem nos olha de lado e mostrar que todos os seres humanos têm direito a usufruir as coisas boas desse mundo[...]*.

A criança autista parece viver num mundo que é só dela, sem estabelecer vínculos com os outros, e isso é consequência de uma falha no vínculo com o Outro. O espelhamento com a mãe falhou e, dessa maneira, as outras relações poderão ficar difíceis de serem estabelecidas. Parece que o desespero de inserção do filho numa sociedade, denuncia justamente a questão de que houve uma falha no vínculo com o Outro.

Com esse discurso de mãe vencedora, a escritora pode gozar com a escrita de um livro, evidenciando sua capacidade de ser uma mãe provedora de bons resultados para o filho autista. Na SD20, ela relata que: [...] *Este livro mostra como a esperança nos permitiu chegar tão longe com Ricardo, e tem o objetivo de servir de estímulo e alento para quem enfrenta problemas similares [...]* Além de se colocar numa posição satisfatória em relação ao desenvolvimento do filho autista, a mãe proporciona aos leitores a impressão de que esse modelo de mãe seria o modelo ideal a ser seguido, gerando, talvez, para ela mesma, uma sensação de dever cumprido e a sensação de que esse jeito mãe de ser, seria o único possível. Assim, ela se introduz ainda mais, num discurso narcísico de superação e merecimento.

As regularidades, conforme Orlandi e Guimarães (1985) são a própria prática do texto, e não cansam de se inscrever diante de outros discursos já ditos. Da forma como aparecem no discurso da escritora, elas nos fazem pensar na teoria da *repetição*, em que Lacan relaciona justamente com o *objeto a*. Lacan propõe:

Assim, não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida. A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas. (LACAN, 1988, p.56).

As *repetições* acontecem em torno dessa constante busca, numa tentativa de alcançar o *gozo*. O filho, o livro e o próprio discurso assumem a posição de *objeto a*, para que o gozo possa ser alcançado. Porém, não podemos nos esquecer da nossa hipótese de um “*gozo necessário*”, em que em algum momento esses objetos precisam deixar de ocupar lugar de *coisa*, para assumir a posição de *gozo do Outro*. É possível dizer que mãe não conseguiu se desprender desse gozo no momento chave para a constituição do sujeito, deixando de proporcioná-lo uma constituição de forma convencional.

O sujeito, nessa constante busca pelo *objeto a*, acaba fazendo substituições para esse objeto inalcançável, na mesma medida em que é levado ao fracasso. Porém, em determinado ponto no qual percebe que o gozo precisa ser ultrapassado, ele inaugura novas formas de desejar. Para a mãe, esse *gozo* inicial saiu da cena de forma tardia. O desejar o filho enquanto sujeito, seria um abandonar o gozo com o objeto, sendo assim, o desejo aparece na mesma proporção que o gozo fálico vai se transformando.

A mãe fica presa a um gozo que extravasa a ideia de *gozo necessário*, não possibilitando ao filho a entrada na cadeia simbólica de significantes, marcando assim uma lacuna na função materna. A mãe não proporciona ao filho uma relação com o Outro no momento ideal.

Conforme apresentado no capítulo anterior, o gozo pode ser concebido como algo necessário para a constituição do sujeito, porém, no momento oportuno, deve ser substituído por um desejo materno. A mãe precisa libidinizar o bebê para que este possa se reconhecer, contudo, num momento oportuno, o gozo com esse “corpo” precisa sair de cena, para que o filho possa ser invocado pelo desejo do Outro. O filho precisa deixar de servir como objeto de gozo, pois só assim tem possibilidade de se constituir enquanto sujeito. Isso nos faz pensar que a escritora do livro só oportuniza o filho a se constituir enquanto sujeito, a partir da escrita do livro.

Na SD23, a mãe fala de um momento primordial para o desenvolvimento do filho: [...] *A mãe deve conquistar o filho em seus primeiros anos de vida mais com coração do que com ensinamentos. O tempo que passa com a criança deve ser de interação puramente emocional [...]*. Nesse momento, a escritora mostra que não houve uma aposta, diante do advir do sujeito, falando que algo faltou para a constituição do filho enquanto tal. Conforme vimos na SD24, [...] *Se foi vítima de minha inexperiência, foi também inconscientemente, meu professor. Ensinou-me que a função de mãe é bem maior do que a de gerar uma criança. Um filho precisa do cheiro, do suor e até, se necessário, do sangue da mãe. Uma sucessão de sensações que transcende ao período da amamentação [...]*. O discurso da mãe marca no texto a necessidade de libidinização inicial diante do filho.

Levin (1999) nos diz que o corpo de uma criança metaforiza-se na linguagem, quando a mãe olha, fala, ou acaricia o seu filho, ela dá um sentido a esta experiência corporal. Desse modo, através da linguagem, ela decodifica e compreende essa experiência, como, por exemplo, o choro, e transforma-o num dizer, articulando-o, assim, numa cadeia discursiva.

No livro, fica retratada uma falha da mãe enquanto efeito simbólico para o filho, mas que tempos depois se autoriza a escrever sobre sua experiência de ter um filho autista, atribuindo a essa escrita um discurso narcísico e ao mesmo tempo gozante.

Conforme trabalhado no capítulo anterior, o gozo com o livro veio em substituição de um gozo exclusivo ao filho. Quando a mãe se põe a escrever, consegue, ao mesmo tempo em que escreve, fazer uma transferência de objeto de gozo. A partir do livro, possibilita ao filho a entrada numa cadeia simbólica de significantes. Mesmo de forma tardia e precária, o filho passa ter acesso à linguagem.

De acordo com Freud, o narcisismo primário dos pais, já ultrapassado, pode ser revivido e reproduzido, por gestos de amor depositados em seus filhos. À criança é dada a oportunidade de realizar os sonhos dos pais, que não foram realizados, por falta de alguns privilégios, e que no desenvolver das funções maternas e paternas, serão proporcionadas aos filhos. Seria por esse motivo que a escritora retoma seu narcisismo primário? Como seu filho não pôde lhe proporcionar um modelo ideal de filho promissor, ela vai em busca de seu narcisismo primário, provando para si própria o quanto é potente e pode realizar-se pessoalmente. Como diz Freud (1914, p, 82), “A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo”.

Como já tratado no capítulo anterior, é pela linguagem que o sujeito tem a possibilidade de simbolizar o gozo, portanto se falha essa simbolização, o gozo permanece sendo o *Gozo da Coisa*. Aparentemente, mesmo que de forma tardia, a mãe faz uma tentativa

de simbolização, a linguagem passa a ser introduzida, possibilitando o surgimento de um filho na mesma proporção que uma mãe começa a se introduzir em sua função. Vale dizer que esse é o processo de desempenho da função materna, pois uma mãe emerge a partir do surgimento do filho; a troca entre ambos precisa acontecer num momento. Porém, para a mãe/escritora essa função surge mais tarde, o que reforça a nossa hipótese de que, a partir da escrita do livro, a função materna teve possibilidade de advir. A mãe se inscreve na função, na medida em que vai dando sentido a seus atos durante a vida.

Quando a mãe possibilita ao filho e a ela mesma, um falar enquanto mãe é possível identificarmos um *gozo* fálico, que mais tarde se configura enquanto um gozo que precisa ser deixado para trás, possibilitando uma mãe para um filho, da mesma forma que o filho pode significar para uma mãe.

Nesse sentido, finalizo dizendo que a escritora, e mãe do personagem principal do livro, se representou num lugar de autoria primeiramente, para assim se autor(izar) na posição sujeito mãe. O autorizar-se como mãe, consiste em propor uma autorização da mesma forma que Lacan propôs em relação ao autorizar-se analista.

Eis o que eu obtenho após ter proposto esta experiência. Eu obtenho alguma coisa que não é absolutamente da ordem do discurso do mestre nem do magister, ainda bem menos alguma coisa que partiria da idéia de formação, eu falei de formações do inconsciente, mas seria preciso saber observar as coisas das quais não falo, das quais jamais deixei um traço: eu jamais falei de formação analítica. Eu falei de formações do inconsciente. Não há formação analítica, mas da análise se extrai uma experiência, que é completamente errôneo qualificá-la de didática. Não é a experiência que é didática, digo isso porque há pouco se falava da psicanálise didática; porque vocês acreditam que tentei apagar completamente este termo didática, e que eu falei de psicanálise pura? (LACAN, 2003, p. 191).

Da mesma forma que não existe uma forma didática de pensar o autorizar-se psicanalista, no qual ele próprio se autoriza na sua experiência no Divã, podemos pensar o autorizar-se de uma mãe. A mãe precisa se constituir mãe diante de uma experiência individual, e é sendo mãe na função materna que uma mãe pode se autorizar. Vale lembrar que dentro da palavra autorizar, existe a palavra autor, e, diante disso, podemos pensar que frente a uma “autora” existe a possibilidade do surgimento de uma mãe, capaz de se autorizar na função materna.

Ao se representar como “autora”, a escritora possibilitou para si, uma representação materna diante do filho, e na medida em que ela avança em sua função materna, o filho evolui em sua constituição enquanto sujeito. Dessa forma, podemos verificar esse atravessamento e

imbricamento entre AD e Psicanálise, pois para essas duas teorias o sujeito se revela a partir de uma posição discursiva.

A escrita do livro, assim, seria uma saída possível para um impasse na função da mãe; ou seja, a carência da função-materna produz uma função autoral. O livro é cheio de depoimentos maternos que remetem a uma justificativa de que a mãe não deixa faltar nada para seu filho.

A leitura mostra, o quanto, para a escritora, o se dar conta, o se autorizar a falar sobre o autismo e seu filho, geram uma evolução em sua escrita. No livro quanto mais a mãe escreve, mais a posição escritora se inscreve em sua posição materna.

Mesmo que contraditório, pensar numa autorização materna, a partir de um gozo diante da escrita do livro, talvez tenha sido essa a possibilidade que a escritora encontrou para se representar enquanto mãe. Diante de um discurso materno gozante, que marca o quanto foi uma mãe necessária para o filho, a escritora foi a mãe possível para um filho possível, diante de algumas restrições na inscrição do sujeito.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho dissertativo teve como objetivo principal, analisar o discurso materno a partir da escrita contida em um livro estabelecido como objeto de análise, intitulado: *Mãe me ensina a conversar: vencendo o autismo com amor*. Para tanto, foi proposto investigar o conceito de *autoria*, a partir de Foucault e de Pêcheux. Já com o conceito de *gozo*, buscamos trabalhar desde os primeiros indícios já apontados por Freud até a maneira pela qual o conceito foi concebido por Lacan. A partir dessas duas noções teóricas propusemos um capítulo correlacionando os conceitos de gozo e autoria.

Diante do processo de autoria, a mãe pôde se inscrever mesmo que de forma precária em sua função materna. Para tanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, fragmentos do texto, tratados como SDs, foram trazidos para a análise, de modo que pudéssemos analisar teoricamente o discurso contido na escrita do livro. A análise despendida nesse trabalho se deu a partir de uma posição interpretativa da autora da pesquisa, que imprimiu ao texto do livro possibilidades de interpretação possíveis. Conforme proposto pela teoria da AD, os sujeitos são singulares no modo de interpretar, não sendo possíveis duas interpretações exatamente iguais, por sujeitos distintos.

As SDs que se constituem enquanto objeto de análise, proporcionam ao leitor, uma constatação de que há um gozo, presente na escrita do livro. A mãe faz um usufruto em relação ao diagnóstico de autismo do filho, ao produzir o livro. A escrita do livro serviu como fonte de prazer, diante de um desprazer vivenciado pela mãe.

Diante do objeto de pesquisa, elegemos caminhos para o desenvolvimento da análise. Com o intuito de trabalhar questões sobre autoria, buscamos autores que fossem dar suporte para nossa pesquisa. Em Michel Foucault, verificamos que a autoria é compreendida num nível transdiscursivo. Segundo ele, para ser considerado autor, o sujeito precisa fundar um discurso. Diante da proposta de Foucault, não poderíamos considerar a escritora do livro como autora, pois o livro, em si, não inaugura um discurso, sendo que entendemos que o mesmo fica dentro da categoria de autoajuda.

Com a teoria da Análise de Discurso, o autor é aquele que se autoriza na função de autoria, independente da forma como escreve. Sendo assim, a escritora do livro se inscreve na posição sujeito autor. Diante da possibilidade de autoria, concebemos a mãe na posição de autora do livro, pois se inscreve em uma discursividade que pode possibilitar a produção do efeito-autor. Com o discurso da escrita, ela possibilita a produção de outros sentidos, por ser

mãe de um filho autista, pressupondo a inscrição de sujeitos leitores que possam partilhar da mesma experiência.

Para tratar a questão teórica do gozo, fizemos uma busca à teoria de Freud, que, já em sua época, deixava indícios para mais tarde Lacan formular o conceito de gozo. Podendo ser identificado, algo além de um prazer. Em nossa pesquisa, percebemos o quanto a mãe precisou gozar com o filho, inicialmente, para depois poder fazer uma substituição em relação ao objeto de gozo. O filho, feito objeto fálico, fora substituído, por um livro objeto fálico.

Num terceiro momento, a proposta foi articular questões entre gozo e autoria, com o intuito de corroborar a hipótese de uma possibilidade de autorização da função materna a partir da escrita do livro. As articulações, nesse sentido, foram com o intuito de explicitar um gozo “necessário” e que depois deveria sair de cena, possibilitando ao sujeito constituir-se. Foi nesse sentido que a relação entre mãe e filho, não teria se inscrito, a mãe não conseguiu se desprender desse gozo no momento crucial para o desenvolvimento do sujeito. A partir de um resgate do narcisismo primário, a mãe passa a se autorizar, a ser tudo aquilo que ao filho não foi possível. A mãe entra num discurso narcísico primário, estabelecendo um discurso de ser uma “super-mãe”, provedora de tudo o que é necessário para o desenvolvimento do filho.

O discurso narcísico foi necessário para a mãe se autorizar na posição sujeito autora, gerando assim, a impressão de que, por ser uma mãe suficientemente boa, ela deveria expor sua história de vida. Nesse sentido, poderíamos pensar que a saída para o desenvolvimento da função materna, é sempre narcísica. Seja por um narcisismo primário ou secundário, a busca pelo *objeto a* precisa ser estabelecida. Em consequência dessa escrita, o filho passa a entrar numa cadeia simbólica de significantes. Foi a partir da escrita do livro, que a substituição de objeto fálico, aconteceu. O deslocamento de gozo acontece depois da escrita do livro, contando a história do filho autista, ao mesmo tempo em que conta sua história enquanto mãe provedora.

É importante dizer que a escrita do livro se fez necessária para mãe e o filho, assim como pra seus leitores, pois, é através dessa possibilidade de efeito de autoria, que os leitores poderão entrar no discurso possível em relação aos cuidados com os filhos autistas. De toda forma, o discurso veiculado no livro gera um efeito promissor para a sociedade, visto que os leitores poderão seguir a ideia de que com perseverança, o desenvolvimento do autista se constitui.

A fala que marca uma posição comum entre os pais de autistas fica em torno de uma fragilidade em relação aos filhos, que tratam como “uma porcelana finíssima”, termo utilizado pela própria escritora para se referir, em determinado momento, ao filho. A ideia de fragilidade nos remete a uma constatação de que o autista deve assumir o lugar de intocável,

aquele que fica do lado de fora. Nesse sentido, podemos perceber uma fragilidade, pois é justamente por deixar o sujeito fora da cadeia simbólica, que o autista não se institui enquanto sujeito. A mãe e o autista não conseguem delimitar o momento de o gozo sair da cena. O bebê precisa deixar o lugar de objeto de gozo, para assumir a posição de objeto causa de desejo. É justamente o ser o objeto *a* que não é possibilitado ao autista.

Diante disso, podemos perceber que a escritora do livro, uma mãe que deixa seu filho por muito tempo fora da cadeia de significantes, proporcionando a ele, uma introdução na linguagem de forma tardia. Foram muitos anos para o filho deixar de ser objeto de gozo e iniciar uma possibilidade de ser objeto de desejo da mãe.

Verificamos ainda, uma mãe com um discurso materno contraditório, pois, ao mesmo tempo em que goza com o diagnóstico do filho, ela resgata um discurso narcísico primário, para se mostrar na posição de uma “super-mãe”, promovendo ao filho a possibilidade de ser reconhecido socialmente, e mesmo assim ela não desempenha as funções essenciais para a inscrição do sujeito no campo simbólico, inibindo-o de advir enquanto sujeito no momento ideal.

Diante da possibilidade de o sujeito advir a partir de um desejo, sendo que o desejo só pode se inscrever a partir de uma transformação do gozo, o que podemos pensar para mãe e o filho personagens do livro, é que essa foi a forma possível de uma mãe se desenvolver para um filho, assim como esse foi o filho possível para essa mãe.

REFERÊNCIAS

BOSA, C.; CALLIAS, M. **Autismo: Breve revisão de diferentes abordagens**. Psicologia: Reflexão e Crítica. v.13, n.1, Porto Alegre, 2000. Disponível: [emhttp://hdl.handle.net/10183/107464](http://hdl.handle.net/10183/107464). Acesso em 10/04/2016.

CAETANO, D.; DOMINGUES, M. L.; MARCOLIN, M. A. **Transtorno do desenvolvimento psicológico**. In: **Classificação e transtorno mentais e de comportamento da CID-10: Descrições clínicas, diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CORIAT, Lydia; JERUSALINSKY, Alfredo. **Função materna e estimulação precoce. Escritos da criança**. Centro LydiaCoriat: Porto Alegre, 1987.

DRUMMOND, C. **Em defesa ao tratamento psicanalítico do autismo**. Autismo(s) e atualidade: uma leitura Lacaniana. Scriptum Livros: Belo Horizonte, 2012.

FREUD, Sigmund (1914). "**Recordar, repetir e elaborar**". In: *Obras completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Volume XII. 2006.

_____. (1914) "**Sobre o Narcisismo: Uma introdução**". In: *Obras completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Volume XIV. 2006.

_____. (1920). "**Além do princípio do prazer**". In: *Obras completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, Volume v. XVIII. 2006.

FINK, Bruce. "**A causa real da repetição**". In: *Para ler o Seminário 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FORBES, Jorge. **O fantasma na Clínica: a direção do tratamento, estudo de uma sessão**. Apresentado no III Encontro Internacional do Campo Freudiano, Buenos Aires, julho de 1984.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **A ordem do discurso**. Ed. Loyola: São Paulo, 2004.

_____. **Os Anormais** (1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GALLO, Solange Maria Leda. **Autoria: questão enunciativa ou discursiva?** Linguagem em (dis)curso: Tubarão, 2001.

_____. (Org). **Linguagem em (Dis)curso/** Universidade do Sul de Santa Catarina. – V.1.n.1(2000), Ed. Unisul: Palhoça, 2000.

_____. **ORGANON**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. V.27, n.53 (2012).

INDURSKY, Freda. **Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura.** In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S. B. A leitura e a escrita como práticas discursivas. Pelotas: Educat, 2001.

JARDIM, Gislene. **Psicose e autismo na infância: impasses na constituição do sujeito.** Estilos da Clínica: São Paulo, v.6, n. 10, 2001.

JERUSALINSKY, Alfredo. **A psicanálise do autismo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LACAN, Jacques. (1962). **O seminário livro 10. A angústia.** Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

_____. (1964). **O seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Zahar: Rio de Janeiro, 1988.

_____. (1966). **O seminário Livro 17. O avesso da psicanálise.** Zahar. Rio de Janeiro, 1992.

_____. (1953) **Função e campo da fala e da linguagem.** In: Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. (1957-58). **O seminário livro 5. As Formações do Inconsciente.** Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Alocução sobre as psicoses da criança.** In: **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1973). **O seminário livro 20. Mais, ainda.** Zahar: Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola.** In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1964). **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LAZNIK-PENOT, M.C. **Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise.** São Paulo: Escuta, 1997.

LEVIN, E. **A Clínica Psicomotora: Corpo na Linguagem.** Petrópolis: Vozes, 1999.

MALISKA, M.E. **Gozo(s): do sintoma ao sinthome.** Campinas : Pontes Editores, 2017.

NÁSIO, J.D. **Introdução às obras de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ORLANDI, E. P. **As histórias das leituras. Leitura: Teoria e Prática.** Campinas, v. 3, n. 3, jul. 1984.

_____. **Discurso e Leitura.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Análise do discurso: princípio e procedimentos.** 9ª Ed, Campinas, SP. Pontes, 2015.

KOCH, Ingedore Villaca. **O texto e a construção dos sentidos.** 9ª. ed. 2. reimp São Paulo: Contexto, 2009.

KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro: psicanálise e educação.** São Paulo: Escuta, 2000.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso- (Re) ler Michel Pêcheux Hoje-**Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI. B, ROMÃO.L e MEDEIROS.V. (Orgs). **Dois campos em (des) enlaces.** Letras: Rio de Janeiro.2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Ed. Martin Claret, 2008.

PADILHA.R e LHULLIER.L. **Autismo: uma leitura para além dos limites do simbólico.** In: **Autismo(s) e atualidade: uma leitura Lacaniana.**Scriptum Livros: Belo Horizonte, 2012.

PÊCHEUX,Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio.** Tradução EniPucinelliOrlandi [et al.] 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução Eni P. Orlandi. 4ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PIMENTA, Paula R. **Autismo: Déficit cognitivo ou posição do sujeito? Um estudo psicanalítico sobre o tratamento do autismo.** Dissertação de mestrado. UFMG-MG. Belo Horizonte. 2003.

RAMALHO, Rosane Monteiro. **Função materna na constituição do sujeito.** In: **Escritos Psicanalíticos, Colóquios II.** Centro em Trabalho em Psicanálise, 1989.

TABACHI, Dalva. **Mãe me ensina conversar: vencendo o Autismo com amor.** Rocco: Rio de Janeiro, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Múltiplas faces da autoria.** Unijuí. Ijuí. 2008.

WINNICOTT, D. W. **A integração do ego no desenvolvimento da criança.** Porto Alegre: Artmed, 1983.